

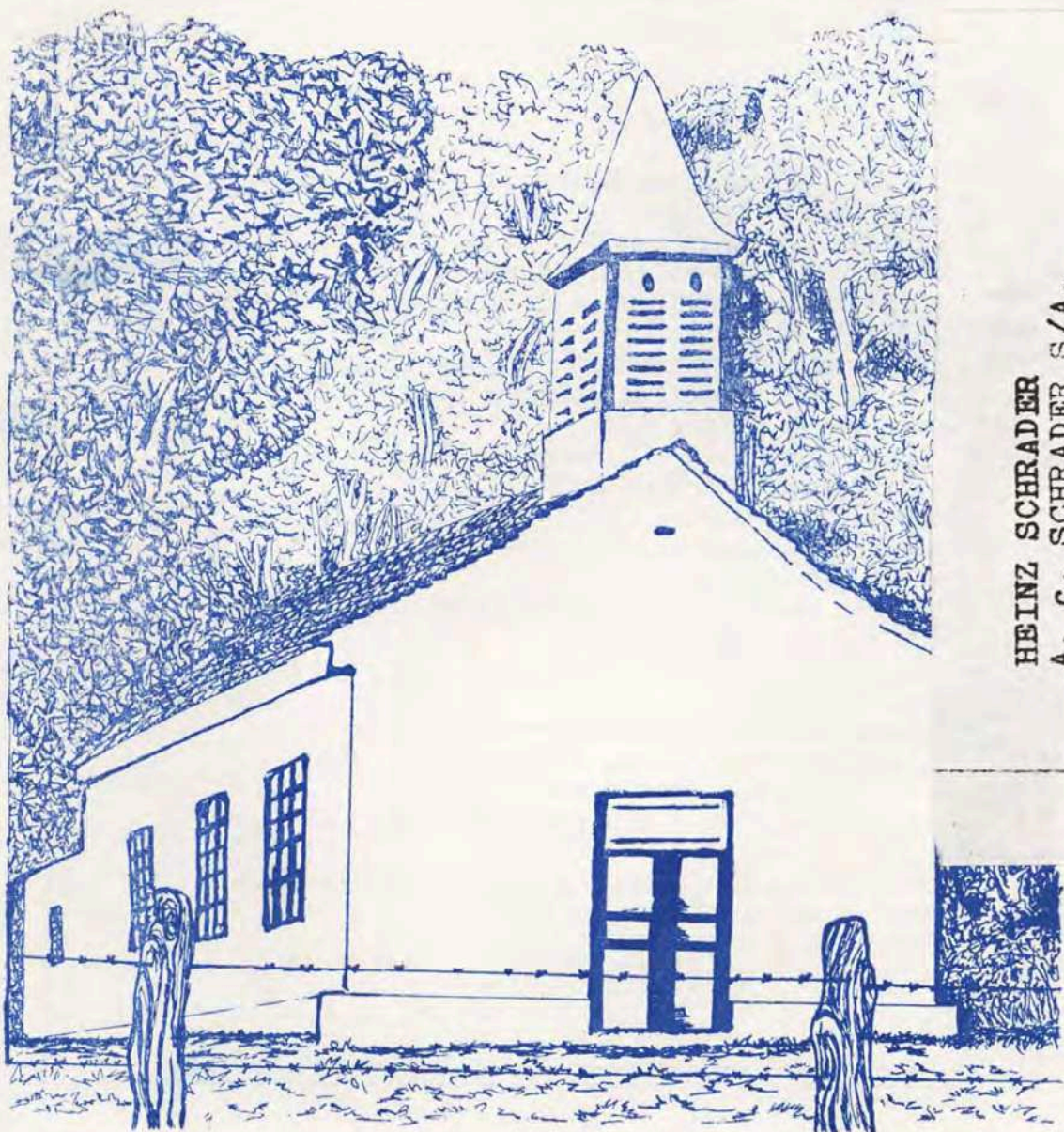
# Blumenau em cadernos

TOMO XXXIII

Fevereiro de 1992

Nº. 2

PORTE PAGO  
DR/SC  
ISR-58 - 603/87



HEINZ SCHRADER  
A. C. SCHRADER S/A.

## A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", editora desta revista, torna público o agradecimento aos aqui relacionados pela contribuição financeira que garantirão as edições mensais durante o corrente ano:

TEKA — Tecelagem Kuehnrich S/A.  
Companhia Hering  
Cremer S/A. Produtos Têxteis e Cirúrgicos  
Casa Willy Sievert S/A. Comercial  
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.  
Livreria Blumenauense S/A.  
Schrader S/A. Comércio e Representações  
Companhia Comercial Schrader  
Buschle & Lepper S/A.  
João Felix Hauer (Curitiba)  
Madeireira Odebrecht Ltda.  
Móveis Rossmark  
Arthur Fouquet  
Paul Fritz Kuehnrich  
Walter Schmidt Com. e Ind. Eletromecânica Ltda.  
Cristal Blumenau S/A.  
Moellmann Comercial S/A.  
Sul Fabril S/A.  
Herwig Shimizu Arquitetos e Associados  
Auto Mecânica Alfredo Breikopf S.A.  
Maju Indústria Textil Ltda.  
HOH Máquinas e Equipamentos Ind. Ltda.  
Casa Meyer.  
ONEDA — Equipamentos para Escritório Ltda.  
Casa Buerger Ltda.  
UNIMED - Blumenau  
Casa Flamingo Ltda.

# BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXXIII

Fevereiro de 1992

Nº. 2

## SUMÁRIO

Página

Um Luso-Brasileiro em Blumenau / Ruy Moreira da Costa . . . . .	34
Subsídios Históricos / Coord. e Trad. Rosa Herkenhoff . . . . .	39
Reminiscências Históricas de Ascurra / Atilio Zonta . . . . .	40
Autores Catarinenses / Enéas Athanázio . . . . .	42
Saiguaçu / Hermes Justino Patrianova . . . . .	45
Sociedade «ALVORADA» — recebe livro / Alfredo Vilhelm . . . . .	46
Histórias, Fatos e Comentários / W. J. Wandall . . . . .	47
Arquivo Histórico Registra Ajuda de Frankenthal à Blumenau . . . . .	49
Reminiscências — O Carro de Mola / Knut Ewald Koster Mueller . . . . .	50
Registros de Tombo da Paróquia de Gaspar / Pe. Antônio Francisco Bohn . . . . .	53
Um Pouco da História do Alto Vale / Pe. Eloy Dorvalino Koch . . . . .	55
Obituários Francisquenses / Antônio Roberto Nascimento . . . . .	57
Aconteceu... Jan. de 1992 . . . . .	63

## BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina  
Propriedade da FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Diretor responsável: José Gonçalves — Reg. n.º 19

Assinatura por Tomo (12 n.ºs.) Cr\$ 10.000,00

Numero avulso Cr\$ 500,00 — Atrasado Cr\$ 800,00

Assinatura para o exterior (porte via aérea) Cr\$ 15.000,00

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal 425 — Fone: 22-1711

89.015 — B L U M E N A U — S A N T A C A T A R I N A — B R A S I L

Capa: A primitiva capela Santa Isabel — Garcia - Jordão

Desenho: Elias Boell Júnior \* Clichê: Gentileza da CLICHERIA BLUMENAU LTDA.

# UM LUSO-BRASILEIRO EM BLUMENAU

## A GUERRA

Ruy Moreira da Costa

Tinhamos ido passar uma semana em Curitiba para festejar o 56º aniversário da Vovó Lavinia, dia 1º de setembro de 1939.

Naquela manhã eu ainda estava na cama, fazia um pouco de frio e o cheiro gostoso de café fresco vinha vindo da cozinha. O rádio do tio Ito, com uma vozinha fanhosa anunciou sem estardalhaço: «As tropas do exército alemão cruzaram a fronteira polonesa». Confesso que não dei muita importância àquele fato que ia mudar tanto a vida de tanta gente.

Nos dias seguintes, voltamos para Blumenau. Nada parecia ter mudado em nossa casa da rua Pastor Hesse, nem na escola, nem na cidade.

Logo, porém, nas conversas o tema era a guerra. Nosso vizinho, sr. Brack montou um gigantesco mapa da Europa no seu escritório e começou a acompanhar o avanço da Wehrmacht com alfinetinhos coloridos.

— Vamos ter guerra aqui? — Perguntei a meu pai.

— Talvez, mas vai ser muito difícil. — Ele me respondeu.

— Se tiver guerra, você precisa ir? — Perguntei com medo.

— Não sei, mas se precisar irei. — Respondeu meu pai.

E eu imaginava meu pai numa trincheira. Os inimigos atacando, meu pai se defendendo de um adversário que queria lhe espelar com uma baioneta. Meu pai feito prisioneiro, ferido, sendo interrogado, sendo torturado, etc. E dentro

de meu peito, o coração de criança batia aflito e dolorido.

Comecei a prestar mais atenção na conversa dos adultos quando se falava de guerra.

— Há duas espécies de gente que eu mais detesto neste mundo: os judeus e os ingleses — Disse um conhecido de meu pai.

Em casa, depois, comecei a pensar sobre o assunto. Veja só esse homem que é tão bom para mim e para as outras pessoas está dizendo isso. Esses judeus e ingleses devem ser gente má. Só que eu não conhecia nem nunca tinha visto nem um judeu nem um inglês.

— Pai, o que é judeu? — Perguntei a meu pai.

— É uma pessoa que pratica a religião judaica.

— Então são aqueles de quem se fala na História Sagrada?

— Exatamente.

Já era o suficiente para eu tirar minhas conclusões. Eles mataram Jesus Cristo, portanto eram gente ruim. Quanto aos ingleses continuei sem saber porque seriam tão detestados.

Na rua 15, defronte à telefônica, havia um prédio de baixa altura, onde funcionava a sucursal de um jornal de Florianópolis. Sempre que eu passava por ali ficava lendo as manchetes de guerra: «Hitler e Stalin dividem a Polônia». «Tropas alemãs invadem a Romênia», etc.

Getúlio e seus generais eram francamente a favor de um governo forte, totalitário. Por isso os feitos de Hitler e a habilidade dos

generais prussianos que comandavam aquela nova maneira de lutar, com aviões, paraquedistas, divisões de tanques que avançavam com rapidez fulminante eram engrandecidos pelos jornais brasileiros. Surgiu o termo Blitzkrieg, que até hoje é usado para designar uma ação de surpresa da polícia.

De fato, nós que vivíamos com a cultura e tradição alemã tão próximas, não poderíamos deixar de sentir a influência de tudo o que estava acontecendo. Tudo o que existia de melhor e mais aperfeiçoado dos produtos industriais vinha da Europa e a Europa para nós era a Alemanha.

Encantavam-nos os modelos de aviões Stukas, Messerschmitt e Heinkel, como o balão dirigível Hindenburg o fizera cinco anos antes. As ferramentas e aparelhos de fabricação alemã eram sempre os melhores. Os filmes de cinema alemães faziam tanto sucesso quanto os de Tarzan. O entusiasmo pelas vitórias alemãs era geral e não entendíamos o choro de alguns jornalistas que lamentavam a queda de Paris, para nós, capital de um país em decadência como a França. Apesar de sua figura estranha, não podíamos deixar de admirar Hitler e seu esforço de levantar a Alemanha à potência mundial, evitando o comunismo, que para nós e Getúlio, era o mal maior que ameaçava o mundo.

Poucos dias depois de os japoneses atacarem Pearl Harbour, em dezembro de 1941, nos mudamos para Itajaí. Nossa permanência em Itajaí foi de sete meses e lá tivemos contacto mais direto com a guerra. Já em fevereiro de 1942, o Brasil teve a primeira baixa na guerra: O navio Cabedelo é torpedeado. Seguiram-se vários outros, chegando até a costa do nor-

deste. Lá em Itajaí cada família tinha um parente embarcado em algum navio mercante e era uma choradeira a cada navio afundado. Boatos surgiram de que os americanos é que vinham afundar os navios brasileiros para forçar o Brasil a entrar na guerra a favor dos aliados. Não importa quem tenha feito. Só sei que vi muita gente chorando seus mortos em Itajaí. Quando o navio Cairu, em que estava o Benjamin Franklin Pereira, foi torpedeado, o irmão dele, Serafim Franklin Pereira, era colega de meu pai no Banco Inco. Foi triste!

Para nós, a guerra só trouxe falta de alimentos, como trigo, açúcar, o que nos fazia comer pão de fubá, bolo de fubá com coco nos aniversários; isso me deixou odiando pão e bolo de fubá para o resto da vida. Para viajar precisava-se de uma autorização, que se chamava «Salvo Conduto». Não havia gasolina e os pneus dos carros chegavam a gastar até furar, pois só no mercado negro se conseguia algum. Só se podia ir à praia de dia e à noite era proibido acender luzes à beira mar. Fogueira então era fora de cogitação, o sujeito ia preso.

Voltamos a Blumenau em julho de 1942, mas o ambiente já não era o mesmo. Já não era tão eufórico com as vitórias alemãs. Os navios brasileiros continuavam a ser afundados e a cada torpedeamento eram grandes as demonstrações e manifestações pelo país inteiro. Isto continuou até que em agosto de 1942 o governo brasileiro declarou guerra aos países do Eixo: Alemanha, Itália e Japão.

Mudou tudo. De repente era crime ser germanófilo. Vieram muitas leis e decretos contra os súditos do Eixo: não podiam falar suas respectivas línguas, não po-

diam fazer reuniões e sociedades beneficentes e culturais foram fechadas e seus patrimônios confiscados, quando não depredados por populares. Os imóveis dessas pessoas não podiam ser vendidos e os que estavam alugados, o aluguel devia ser recolhido ao Banco do Brasil. E ainda mais: não podiam escutar as emissoras de rádio alemãs. Os aparelhos de rádio eram lacrados, confiscados e levados para a delegacia de polícia. Surgiu o termo «Quinta Coluna», para designar os «traidores».

Nós aqui em Blumenau víamos serem cometidas aquelas barbaridades a pessoas, sem razão nenhuma aparente. Gente boa e inofensiva, que sempre morou em Blumenau e que nunca se soube que tivesse feito mal a alguém, sofrendo injustiças em nome de uma guerra da qual só se sabia através de jornais e das privações que sofríamos todos nós, inclusive elas.

Mais algum tempo e a propaganda americana inundava os cinemas com filmes de assuntos de guerra. Mostrava os soldados alemães como monstros sádicos e cruéis, que se divertiam torturando prisioneiros, estuprando moças indefesas; os italianos como covardes ridículos; e os japoneses como monstros traidores, fanáticos e torturadores. Aquilo foi influenciando nós jovens e num piscar de olhos nossos heróis estavam metamorfoseados em aliados.

Subitamente a guerra virou e as vitórias aliadas vinham em enxurrada. Acompanhei o desembarque aliado na Normandia, preocupando-me com o avanço dos russos sobre a fronteira oeste da Alemanha e com a entrada dos soviéticos em Berlim. Em 8 de maio de 1945 a guerra na Europa tinha acabado. Nossa força expedicionária

tinha ido em junho de 1944 para pegar ainda o fim da guerra na Itália. Um colega de meu pai, sr. Zwicker, foi e nos mandava cartas e jornais da FEB. Um tio meu, marido da irmã de meu pai, Joaquim, também foi e quando voltou, veio entusiasmado com a Itália e nos três filhos após guerra, deu os nomes de Beatriz, Cezar e Dante.

Nós já morávamos na rua Paraíba. No dia 8 de maio foi uma movimentação enorme em Blumenau, como eu nunca tinha visto. Eu era então um rapaz de 15 anos e saí com minha turma para a rua 15 ver o que estava acontecendo. Gente discursando e multidões correndo com bandeiras nas mãos. Na praça Hercílio Luz, defronte à Prefeitura daquela época, estava uma turma dando vivas, gritando e berrendo. Um famoso advogado militante do fórum local estava com a palavra. Ouvi ele berrar emocionado, várias vezes em seguida: «Eu me envergonho de meu sangue alemão!» Senti vergonha por ele ter dito essas palavras e pelo constrangimento que ele iria sofrer pelo resto da vida. Ao lado da figura gorda do orador, estava um boneco feito de roupas velhas e de um saco de tijolos, onde aparecia uma cara pintada com um bigodinho, o nome de Hitler e uma cruz suástica mal desenhada. Do meio das pernas do boneco, emergia a cabeça de uma pessoa, um homem, que parecia estar fazendo muito esforço para aguentar aquele peso.

— Quem é aquele sujeito? — Perguntei a alguém a meu lado.

— É um alemão que disse que quando a Alemanha ganhasse a guerra, ia atrelar dois brasileiros numa carroça e ia fazer eles puxarem da casa dele até na frente da Prefeitura. — Alguém me respondeu.

Cheguei mais perto e reconheci a pessoa em questão. Era um conhecido empresário. Nunca me esqueci daquela cena. Meu coração doeu de pena daquele homem. Recentemente, num desfile da Oktoberfest, reví o mesmo personagem, agora em traje bávaro, dançando alegre, orgulhoso e faceiro. Minha memória foi buscar lá nas profundezas da memória aquela cena lúgubre de 1945. Pensei comigo: «Que diferença! Quem te viu, quem te vê!»

Subitamente, um afro-brasileiro olhou para mim e para o Aldo Pereira de Andrade que estava ao meu lado, bateu com a mão no cabelo encarapinhado e gritou: «Este que é o cabelinho do Brasil». Outros afro-brasileiros que estavam ao redor prorromperam em gritos, aplaudindo e nós fomos saindo de fininho.

Juntamos a turma e fomos para outro lugar. Encontramos um cara com um acordeon na rua.

— Vamos fazer um baile? — Alguém gritou.

— Ora, vamos! — Todos responderam.

— Moro perto do Clube de Caça e Tiro do Bom Retiro e sei quem tem a chave. — Um outro exclamou.

Lá fomos nós para o Clube. Chegamos lá tínhamos tudo, menos as senhoritas. Sairam alguns para convidar moças. O sanfoneiro já estava tocando furioso e nada de o baile começar. Logo voltaram os colegas com três moças, meio assustadas, uma delas negrinha de perna fina e as outras duas com jeitinho de domésticas de folga das patroas. Fizemos fila na frente das três e saímos dançando cada um uns poucos minutos, logo passava a dama ao seguinte e assim, por mais de duas horas. E as

pobres moças foram cansando. Pediram para ir ao banheiro e desapareceram. Assim acabou nosso «Baile da Vitória».

Saímos dali e entramos noutra multidão. Quando passávamos defronte à Igreja alguém gritou:

— Vamos tocar o sino da Igreja!

— Vamos!

Todo o mundo avançou para o Convento. Bateram nas portas, ameaçaram arrombar. Veio um padre atender. Todos berrando:

— Toca o sino! Acabou a guerra!

— Já vamos tocar. — Respondeu o padre.

Apareceu um bruda, ou seja um irmão franciscano e foi arrastado pela turma até o campanário. Penduraram o pobre assustado na corda e gritaram:

— Toca esse sino, seu estepô!

— Porque tocar o sino? — Perguntou com voz sumida.

— Acabou a guerra! A Alemanha perdeu a guerra! Hitler está morto!

O bruda ficou cabisbaixo, começou a tocar o sino e dos olhos dele corriam lágrimas doloridas. Mais tarde soube que ele era alemão nato.

No dia seguinte houve nova manifestação defronte à Prefeitura, com outra pessoa carregando o boneco de Hitler. Disseram-me quem era, mas não era meu conhecido, era um engenheiro. O orador do comício estava contando uma história de um diretor de empresa que tinha usado como lençol nupcial uma bandeira nazista. Chegando em casa contei a meu pai, citei o nome e ele me disse que duvidava da veracidade, pois tal pessoa tinha sido seu colega de Tiro de Guerra em Curitiba.

Outra vez, passando pela fren-

te do Teatro Carlos Gomes com um colega, este me chamou atenção para a disposição dos ladrilhos de duas cores na calçada:

— Veja só as letras HH que eles formam! Sabe o que quer dizer? — Disse me todo agitado.

— Não sei não. — Respondi.

— Está na cara! É Heil Hitler!

— Berrou.

— Que nada! É coincidência!

— Exclamei.

— Você ainda não viu nada! Está vendo aquela sacada pequena mais ao alto? — Insistiu ele.

— Sim estou.

— Poi aquela sacada foi construída para o Hitler fazer o discurso ao povo quando viesse tomar posse de Santa Catarina para o Terceiro Reich! Pode acreditar, este Teatro foi construído por nazistas!

Retirei-me rindo do indivíduo pelo absurdo da idéia. Mas, depois disto, sempre que passava na frente do Teatro e via aqueles HH na calçada, me lembrava do sujeito que me contou a história e ria outra vez da piada.

A guerra tinha acabado na Europa, apesar de ainda continuar no Pacífico. Começavam a aparecer as notícias de existência de campos de concentração onde se exterminavam pessoas, principalmente os judeus. Fiquei muito impressionado. Tanto que comecei depois a comprar livros sobre o assunto, sobre o qual organizei uma pequena biblioteca. Contava-se, também que estavam passando fome na Alemanha. Surgiram firmas que se encarregavam de fazer chegar até lá pacotes contendo alimentos. Começaram a voltar os que tinham ido para lá na época de antes da guerra, eufóricos com o progresso do nazismo. Alguns tinham dito, então, ao deixar o Bra-

sil, que nunca mais haveriam de voltar para esta «terra de macacos». Voltavam agora sem muita conversa, desarvorados, aterrorizados e acabrunhados, como sobreviventes daquela catástrofe. Vinham para cá, também, os refugiados de guerra, de nacionalidades indefinidas: meio húngaros, meio polacos, meio rumenos, meio tchecos. Vinham os nossos pracinhas da FEB, uns muito falantes, contando proezas e aventuras; outros sorumbáticos, quietos, nervosos, não contavam nada e ainda ficavam irritados quando a gente tocava no assunto.

Blumenau não era mais a mesma. Traumatizada e desfigurada, aquela cidadezinha germânica e pacata dos anos 30 estava se tornando irreconhecível. Depois de um pequeno lapso de tempo de preparação, um surto de progresso, de novos empreendimentos, novas obras públicas e, conseqüentemente, poluição, erosão, desmatamento, açoreamento do rio, construção de avenidas beira-rio e pontes para a Ponta Aguda, tudo isto contribuiu para que a cidade chegasse ao que é hoje em dia.

Para nós que passamos de crianças a adolescentes naquela época conflagrada, restava agora somente a esperança de que surgisse daqueles escombros e daquela destruição insana, um mundo de paz, mais humano, mais cheio de amor ao semelhante, que permitisse a cada um ter sua vida normal, sua família, seu emprego. Os valores éticos e morais voltariam a prevalecer, livres de distorções, frutos de ideologias absurdas. Daquela época triste e sombria, lembro-me de uma cantora alemã, Lale Andersen, que fez sucesso com uma melodia, que sempre que escuto me



bate saudade daquela fase incerta  
e não tão dourada de minha vida:  
Wenn sich die spaeten Nebel  
drehen,

wird ich bei der Laterne ste-  
hen,  
wie Einst, Lili Marleen,  
wie Einst, Lili Marleen,

## **Subsídios Históricos**

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Excertos do «Kolonie-Zeitung» (Jornal de Colônia), publicado na colônia Dona Francisca, Joinville, a partir de 20 de dezembro de 1862.

### NOTÍCIA DE 12 DE MARÇO DE 1870

Dona Francisca. — Balanço Anual da Sociedade Beneficente «Helvetia». — A receita durante o ano de 1869 foi da ordem de 466\$360 Réis, incluídos juros, mensalidades e jóias. As despesas de administração, médico, farmácia e auxílio para enterros, alcançou a soma de 359\$820 Réis. Saldo em caixa — 106\$540 Réis. Somado ao crédito de 1868, quando existiam em caixa 1.516\$300 Réis, obtém-se o total de 1.622\$840 Réis.

A Sociedade atualmente se constitui de 47 sócios, dos quais 41 são de primeira classe, 4 de segunda e 2 de terceira. Faleceu um dos sócios no ano passado e foram matriculados dois sócios novos. Em remédios foram gastos 135\$300 Réis, em 149 receitas, cabendo a cada sócio a despesa de três e três quartos receitas, no valor de 3\$304 e três quartos de Réis. O auxílio para sepultamentos no ano de 1869 era de 15\$000 Réis.

A Sociedade, dentro de alguns anos, estará capacitada a reduzir as mensalidades para a metade do valor atual, continuando, no entanto, a conceder o tratamento médico gratuito, assim como as receitas de farmácia.

Na assembléia geral, realizada a 30 de janeiro, resolveu-se elevar em 2\$000 Réis a jóia, para todas as classes. Também foi estabelecido, que os parágrafos 9 e 19 dos estatutos da Sociedade, referente ao comportamento em público e domiciliar dos sócios, serão mantidos com todo o rigor e os que infringirem tais dispositivos, uma vez provado o fato, serão sumariamente excluídos da Sociedade.

### NOTÍCIA DE 19 DE MARÇO DE 1870

Campo de Batalha. — Lopes morreu e com isso termina a guerra. Esta notícia alvissareira para todo o Brasil, chegou ao Desterro a 12 de março pelo navio «Werneck», que trouxe de volta do campo de batalha o 23º Batalhão de Voluntários. Ainda faltam pormenores. Pelo telégrafo veio a seguinte notícia: A primeiro de março, às margens do Aquidabã, as forças do General Câmara alcançaram Lopes e no combate que se estabeleceu, este foi gravemente ferido e como não quisesse entregar-se, foi morto. Sua mãe, uma irmã, muitos oficiais de diversas patentes, entre eles o General Resquim, foram presos. Madame Linch conseguiu escapar em direção à Serra em companhia do General Caballero.

Este telegrama, segundo comunicação oficial do General Câmara ao Quartel-General, não deixa dúvidas sobre este importante acontecimento.

**A coleção completa do «Kolonie-Zeitung» faz parte do acervo do Arquivo Histórico Municipal de Joinville.**

# REMINISCÊNCIAS HISTÓRICAS DE ASCURRA

---

FUNDAÇÃO DA COLÔNIA E INÍCIO DA COLONIZAÇÃO  
FREGUESIA DE SÃO PAULO APÓSTOLO ELEVADA À  
CATEGORIA DE MUNICÍPIO E  
CONSTRUÇÃO DA ESTRADA DE FERRO SANTA CATARINA

**Atilio Zonta**

Consoante nossas pesquisas antes pois de serem fixadas na Colônia de Ascurra, as várias famílias de pioneiros oriundas de diversas províncias da Itália. Doutor Blumenau, em 1874, designou dois agrimensores, afim-de que procedessem à demarcação de lotes urbanos e rurais, e em cuja planta contivéssem, também, os traçados das estradas a serem abetras, os locais onde seriam construídas as pontes e bueiros sobre os ribeirões e córregos, bem como, houvesse a delimitação dos terrenos para a instalação da futura sede da povoação. Simultaneamente, fossem projetadas as ruas e praças, logradouros públicos, e designados os locais onde construiriam escolas, igrejas e cemitérios.

Após meses de intenso, árduo e ininterrupto trabalho, os dois projetistas apresentaram ao chefe da Colônia, Doutor Blumenau, o mapa de levantamento topográfico completo da Colônia de Ascurra, com todas as características solicitadas pelo fundador. Implantados, depois, os primeiros imigrantes procedentes do velho mundo, em 1876, defrontaram-se, eles, com a completa ausência de caminhos de acesso aos lotes rurais já delimitados, servindo-se, senão, de picadas de aberturas de rumos deixados pelos agrimensores. Tinham os novos habitantes, pouca

proteção das investidas dos silvícolas, enfim, esbarraram com toda a sorte de vissicitudes. A despeito de todos esses obstáculos a que os cercavam, e à medida que iam penetrando nessas matas, ficavam, entretanto, deslumbrados com a magnificência da natureza, com a fecundidade do solo e com a abundância de toras, de onde saíam os barrotes e tábuas, posteriormente empregados, na edificação das primeiras casas e ranchos para morarem e armazenarem as suas colheitas.

Doutor Blumenau, dentro dos recursos de que dispunha, por sinal, ínfimas somas pecuniárias, procurava dar, entrementes, atenção especial aos italianos, no tocante, principalmente, a assuntos relacionados à assistência: zelando pelas suas habitações embora extremamente precárias, como também, de sua sobrevivência; ajudava-os com medicamentos e roupas, e o necessário para poderem abrir picadas de acesso aos lotes, e os atendia sempre no fornecimento imediato de sementes e ferramentas para transformarem a mata bruta em fontes de produção. Vez por outra, visitava a nova Colônia para encontros cordiais, com esses bravos e corajosos colonos.

Em 4 de fevereiro de 1880, após aproximadamente quatro anos da implantação dos primeiros imi-

grantes procedentes da Itália, a freguesia de São Paulo Apóstolo fôra elevada à categoria de município de Blumenau, cuja sede, seria a mesma da freguesia de São Paulo Apóstolo que passou à categoria de Vila de Blumenau. Toda a região do Médio e Alto Vale do Itajaí-çu continuara a ficar subordinada administrativamente à jurisdição do município recém-criado.

Desde então, abriram-se novos horizontes e o número de imigrantes passou a subir auspiciosamente. Os poucos religiosos residentes na paróquia procuravam atender dentro do possível, as necessidades espirituais dos colonos que habitavam a vasta região.

Começou também, a reinar certa euforia nas famílias já instaladas apesar dos sofrimentos e contrariedades que as envolviam de modo intenso, em meio às matas a serem desbravadas.

Ascurra, conquanto fosse habitada por poucas famílias, esparsas em seu território, já apresentava aspecto de desenvolvimento, logo no segundo lustro de sua instalação e cujas lavouras prosperavam, e as colheitas apresentavam-se abundantes. Esses italianos laboriosos, comungando com esperanças de oportunidades promissoras, empreendiam, sempre mais, seus esforços no sentido de melhorar as suas casas e de ampliarem as extensões das áreas de plantações. Mas, a ausência de via de comunicação ainda se fazia presente, para tristeza dos moradores. O desenvolvimento da Colônia de Ascurra, um tanto lento, de igual maneira seguro e bastante auspicioso. A passos largos desenvolviam-se, nesses solos férteis, a di-

versificação das lavouras, e a pecuária bovina e suína era das mais animadoras.

Já em 1895, o município de Blumenau, sede de todas as Colônias já implantadas e em ampla evolução, devido aos precários meios de transporte dos produtos, e locomoção dos seus habitantes para o centro e deste para os interiores do Vale do Itajaí, a própria Colonizadora Hanseática, incentivada pelo Governo Municipal e com o apoio do Banco Alemão, fundaram em Berlim, capital da Alemanha, a Estrada de Ferro Santa Catarina, propiciando o início dos trabalhos de construção da ferrovia, nos primeiros anos deste século. Para a alegria de todos, já em 1907, passavam por Ascurra os trilhos alcançando a estação de Hansa, hoje Ibirama. Os trens começaram a transportar os produtos das lavouras, fruto de trabalhos imensos dos imigrantes, bem como, faziam a locomoção em vagões de 1ª. e 2ª. classes, da população que habitava o vasto e rico Vale do Itajaí.

---

NOTA: Nos próximos números de Blumenau em Cadernos apresentarei em capítulos: a criação do Distrito de Ascurra subordinado ao município de Blumenau. A supressão do referido distrito após dez anos de sua instalação. Ascurra, distrito de Indaial. Ascurra município, e o nome de todas as autoridades civis e eclesiásticas a partir do século passado.

## NOSSA HOMENAGEM

A «Casa de Menotti del Picchia», da simpática cidade de Itapira, em São Paulo, está iniciando os festejos do centenário do grande poeta modernista, que acontece neste ano. Menotti del Picchia (20/03/1892-23/08/1988) foi o verdadeiro chefe do primeiro modernismo, posição às vezes atribuída a Mário ou Oswald de Andrade, e viveu muitos anos naquela cidade, como advogado e jornalista, lá escrevendo o célebre poema «Juca Mulato», uma das obras literárias de maior sucesso no país, hoje com mais de cem edições publicadas e, com certeza, o texto mais popular de nossas letras, rivalizando apenas com o lobatiano «Jeca Tatu». Como preparatório desses festejos, o jornal «Letras da Província», de Limeira, publicou uma edição especial do poema.

Embora ainda impregnado do espírito parnasiano, como asseverou o crítico Wilson Martins, o poema «Juca Mulato», lançado em 1917, revelava a inquietação e a constante busca renovadora de seu autor. A sinceridade que emana desses versos, o tema universal do amor impossível e seu forte sentido telúrico talvez expliquem a grande receptividade que mereceu. Nele estão presentes o temperamento tristonho do brasileiro e o conformismo de nossa gente diante dos obstáculos que lhe parecem intransponíveis. É um poema que espanta pela elegância da composição e enternece pela beleza do conteúdo, fatores que justificam a raridade de uma obra poética chegar à centena de edições num país onde os livros do gênero nem ao menos se esgotam na tiragem inicial. Ousado em tudo, para o tempo, a começar pelo título, pois a mulatice era um assunto tabu e vítima de preconceitos mal disfarçados, «Juca Mulato» se ligava às coisas da terra e da gente simples do interior.

Menotti foi um dos mais expressivos poetas modernistas, adversário incansável do «passadismo» e adepto do nacionalismo literário e do verdeamarelismo, numa época em que a influência francesa era avassaladora e todas as regras estéticas — e cutras — provinham da França, considerada a «segunda pátria», por muitos brasileiros. Sua obra é repassada do sentimento nacional e se reveste de motivos brasileiros. Entusiasta da Semana da Arte Moderna, dela participou ativamente, como também no período que a antecedeu, debatendo e pregando os princípios modernistas. Ainda que só tenha aderido explicitamente em 1920, seu apoio ao modernismo foi decisivo e muito lhe deve o movimento, em cuja história conquistou um capítulo especial. Como salientou o mesmo Wilson Martins, «em dois anos de intensa propaganda jornalística, ele recupera, entretanto, o tempo perdido, e, em novembro de 1922, ao reseñar «O Homem e a Morte», a Revista do Brasil dá idéia da importância que o seu autor havia adquirido».

Entre as mais recentes homenagens ao poeta centenário estão o livro-álbum «Menotti del Picchia», editado em 1988, pela S/A. Moinho

Santista e um número especial da revista da mesma empresa em que é o tema de capa. O primeiro, com fartas ilustrações, contém conferência de Miguel Reale na Academia Brasileira de Letras, síntese biográfica por Ebe Reale, fotos, desenhos, documentos, textos inéditos, poemas em sua homenagem, bibliografia etc. Na elaboração da obra está presente a mão firme de Jácomo Mandatto, incansável diretor da «Casa». Dele é também o prefácio da nova edição — a sexta — do notável romance «Salomé» (José Olympio Editora — Rio — 1989), adaptado para novela televisiva da Rede Globo, no ano passado, numa versão deplorável. Para o correr do ano, planeja Mandatto publicar um volume inédito das memórias de Menotti, um volume com suas cartas e um ensaio biográfico a que vem se dedicando há muitos anos. Pretende ainda promover diversos outros eventos, entre os quais uma semana de palestras e debates sobre a vida e a obra de Menotti del Picchia, cujo maior orgulho, como não se cansava de repetir, foi ter sido poeta.

## M A U R A

Meu relacionamento com a poeta Maura de Senna Pereira, falecida em 20 de janeiro, começou de maneira um tanto ácida. Seu nome fôra dado a uma escola da pequena cidade de Pinheiro Preto, na minha região natal. A professora Íria Reolon, vencendo todas as dificuldades, organizou uma festa e preparou uma recepção à altura da homenageada. No dia da inauguração, justificando-se através de um telegrama protocolar, Maura não compareceu e a decepção da cidade foi enorme. Considerei sua ausência, na época, um ato de puro estrelismo e escrevi a respeito um artigo impiedoso. Lendo-o no jornal, a poeta me enviou longa e fundamentada carta, comprovando as razões para sua ausência. Iniciou-se, assim, de forma traversa, a amizade que nos uniu até o fim. Trocamos muitas cartas, publiquei inúmeros de seus poemas e não era incomum que o telefone me acordasse, tarde da noite, quando ela, na outra ponta, tinha vontade de conversar. Tenho consciência de que muito escrevi sobre ela e sua obra: por omissão minha ela jamais ficou esquecida.

Mulher corajosa e independente, Maura foi aguerrida militante socialista na juventude, numa época em que as mulheres, em geral, quase nem opinavam sobre política em nosso Estado. Suas atitudes causavam algum escândalo na provinciana Florianópolis de então e provocavam as previsíveis suspeições e injustiças que ela enfrentava mas não esquecia. Em compensação, fora do Estado era admirada pela coragem das atitudes e creio ter sido a única companheira que mereceu referência de Dyonélio Machado em suas «Memórias de um pobre homem». Seu talento poético foi sempre reconhecido e sua morte é uma perda para nossas letras. Almeida Cousin, seu companheiro de longos anos, também foi meu amigo epistolar. As circunstâncias nunca permitiram que me encontrasse em pessoa com o saudoso casal.

## VARIADAS

Muito interessante o livreto «Blumenau para apressados», com texto de Carlos de Freitas e ilustração e capa de Cao Hering. Texto leve,

Informativo, bem humorado, como seria de prever sendo de quem é. — Está circulando mais um número da revista «Memória», editada pela Eletropaulo, contendo temas de interesse de todo o país e que tem como um dos redatores o jornalista Milton Andrade. — Está circulando também o número inicial da revista «Literatura», de Brasília, que foi lançada em janeiro, sob a direção do escritor Nilto Maciel. Vários catarinenses estão nesse primeiro número. — Neste mês de fevereiro são comemorados os 70 anos da «Semana de Arte Moderna», realizada em 13, 15 e 17 do mesmo mês, no ano de 1922, e que provocou intensa renovação na cultura nacional. Muitos eventos se realizaram neste mês e outros tantos ocorrerão durante o ano para relembrar o importante acontecimento. — Acontece neste ano o centenário de nascimento do escritor Graciliano Ramos, uma das maiores penas de nossas letras. Sobre ele voltarei a escrever. — Faleceu em 7 de janeiro a escritora Adelaide Carraro, cujos livros provocaram muito escândalo ao abordar os bastidores da política. Tinha 65 anos de idade, 41 livros publicados e foi presa 18 vezes no período autoritário. Para sobreviver, nos últimos anos de vida, transformou-se em pintora de razoável sucesso.

#### PARA TERMINAR

Para terminar, como a poesia é indispensável, tomo a liberdade de transcrever aqui um poema de Roberto Diniz Saut, extraído de seu belo álbum «16 Poemas Numa Noite Absoluta», publicado em 1990, e que não vem merecendo o devido destaque.

#### SETE HORAS EM CHUVA

vivo no vale do Itajaí-açu.  
chove na minha janela.

vivo no vale da chuva.  
chove na minha rua.

vivo no vale do amor.  
chove na minha passagem.

vivo no vale da palavra.  
chove no meu verso.

vivo no vale do pensamento.  
chove no meu vento.

vivo no vale do sonho.  
chove na minha paisagem.  
são sete horas.  
mas na montanha nasce o sol.  
são sete horas.

---

# Saiguaçu

---

HERMES JUSTINO PATRIANOVA

---

Transcrevemos, hoje, do nosso livro inédito **TOPÔNIMOS BRASILEIRO COM TRADUÇÃO DOS DE ORIGEM INDÍGENA** — 4.000 páginas de Geografia, História e Língua Tupi, o Topônimo que epigrafa esta página.

## «S A Í G U A Ç U»

1 — Rio (Pequeno, do Saiguaçu) do Estado de Santa Catarina, que nasce a Nordeste da Cidade de Garuva e desagua no Lago, cheio de Baías, Enseadas e Remanços, que os Índios confundiram com Rio, o Saiguaçu, depois do Curso de cerca de 06 quilômetros.

2 — Lago, Baía, Enseada ou Rio (confundido com **Rio Grande** — Saiguaçu, que recebe as Águas dos Rios Saí, Garuva e Três Barras, divide parte dos Municípios de Garuva, Joinville e São Francisco do Sul e se liga à Baía de São Francisco, em rumo à Barra do Sul, separando a Ilha de São Francisco, dos Municípios de Joinville e Araquari, no Estado de Santa Catarina.

A certeza de que os Topônimos se derivam de Saí, passarinho que existia nas imediações, é confirmada pela existência de uma Vila no Município de São Francisco do Sul, nas proximidades do Lago, batizada com o nome de Saí. E a visão do Mapa da Região foi de grande utilidade na tradução do Topônimo.

ORIGEM TUPI: SAÍ (Passari-

Eis o trato catorzeno,  
Com BLUMENAU EM CADERNOS,  
De escrever Tupi, ameno,  
Para os Arquivos Modernos  
De Famosos Editores,  
Repletos de grandes obras;  
Dos mais celebrados «Cobras»  
E os do «JARDIM» Fundadores!

nho, ave da Família dos Cerebídeos, que ocorre no Brasil, abrangendo várias Espécies) + GUÁ (Baía, Enseada, Remanso, Poço de Rio e, por extensão, Lago, Rio) + AÇU = 'ÇU (Avantajado, grande) = BAÍA GRANDE DOS SAIS = LAGO GRANDE DO SAÍ = RIO GRANDE DOS SAIS = SAÍGUAÇU.

Antônio Roberto Nascimento — «LAGOA DE AÇAGUAÇU», in **BLUMENAU EM CADERNOS** — Tomo XXXII — Maio de 1991 — N.º 5: — «Como há gente ainda que prefere ficar com a errônia a admitir que andaram equivocados, mais ou menos como se o relato histórico fosse inútil e, a partir dele, nenhuma correção pudesse ser feita, cremos ser de mister mostrar-lhes que não. E vamos direto aos fatos, para mostrar que «Lagoa de Açaguaçu» é o topônimo correto, existindo a corruptela «Saguaçu», que, em rigor, deveria ser grafada «ÇAGUAÇU». ...E não pára aí a prova de que o topônimo correto seria AÇAGUAÇU. Há mais, muito mais. Cremos, outrossim, que o topônimo designasse algo mais, assim como toda uma região. ...A corruptela «Saguaçu», pois, convivia ao lado de «Açaguaçu», a grafia que mais se aproxima do vocábulo Tupi.

A questão fica bem esclarecida, a nosso sentir, no batismo de três escravas do Coronel Antônio João Vieira Sênior aos dois de julho de 1836: Domingos, Teresa e Manuel, filhos, respectivamente, de

Joaquim, Maria e Rita, todas de nação benquela, quando o dito senhor é dado como «morador em Assaguaçu», nos três registros».

Qualquer semelhança com aquela célebre anedota dos três Médicos que se enganaram... É mera coincidência; mas todos os personagens da história do articu-

lista, Senhor Antônio Roberto Nascimento estão enganados: o Topônimo não é Açaguaçu, nem Saguaçu, mas SAÍGUAÇU, que se origina da ave cerebídea Saí, que ainda existe nas proximidades e está perpetuada no nome de um Distrito do Município de São Francisco do Sul — Saí.

---

## Sociedade "ALVORADA" — recebe livro: TRADIÇÕES DOS CLUBES DE CAÇA E TIRO

Alfredo Wilhelm

Em 31 de Dezembro de 1991, a Sociedade ALVORADA (Itoupava Central) recebeu por ocasião de sua Festa de Rei, 6 (seis) volumes do livro "FESTA DO TIRO AO ALVO — uma parte da história da Cidade de Wunstorf (Alemanha)".

Os livros foram entregues nesta data ao senhor Ademar Lingner, vereador e chefe de Gabinete e — segundo o sr. Alfredo Wilhelm (correspondente em idioma alemão da Prefeitura), os livros — editados em 1986 — foram doados pelo próprio autor, escritor e historiador Paul Schiller da Cidade de Wunstorf, perto de Hannover. As despesas de transporte foram pagas pelo sr. Otto Lapp, Presidente do Clube Filatélico de Wunstorf e que em abril de 1982, por ocasião da BRAPEX V, mostrou em Blumenau (hors concours) a sua coleção filatélica "BRASIL — do Império à República".

Em sua carta dirigida ao sr. Wilhelm, Paul Schiller diz o seguinte:

"Há mais de 300 anos festeja-

mos aqui em Wunstorf a Festa de Tiro ao Alvo. É uma festa em que participa toda a cidade — uma festa organizada pela administração municipal e — segundo as tradições — não somente dedicada aos cidadãos da cidade, como também aos numerosos hóspedes e visitantes. — Em 1991 a Festa de Tiro ao Alvo da Cidade de Wunstorf, começou no dia 31 de maio e terminou no fim do dia 3 de junho de 1991. — Homenageando os visitantes, as casas foram decoradas com bandeiras e verde, pois neste dia todas as cidadãs e todos os cidadãos de Wunstorf — são anfitriões."

Segundo o sr. Lingner, que também é o atual Rei da Sociedade "Alvorada", o prefeito Sasse estuda a possibilidade de convidar o senhor Paul Schiller para os festejos dos 142 anos de fundação de Blumenau, em 1992. para então — num seminário com os presidentes dos Clubes de Caça e Tiro de Blumenau — falar sobre as tradições centenárias e de hoje, das Sociedades de Tiro ao Alvo.



## DISCÓRDIAS ENTRE BRASILEIROS E ALEMÃES

W. J. Wandall

(Continuação do número anterior)

Feito este parêntese, voltemos às polêmicas político-sociais. Aproximavam-se as eleições para um novo quadriênio administrativo. A campanha política, como sempre acontece nessas ocasiões, suscitou uma série de detratações entre os integrantes das correntes políticas, gerando uma porção de desgostos, principalmente para o Superintendente Dr. José Bonifácio da Cunha, o qual, manifestou o seu interesse em abandonar a política. E isto deveu-se a exageros de ambas as partes, misturando política com questão social. Desde aqueles idos tempos que a política foi um pomo de discórdia entre os homens brasileiros ou aqui residentes, embora tendo outra nacionalidade.

Mas, buscando mais uma comprovação às palavras de Richard O. Dalbey, alguns problemas ocorreram a partir da criação do Município de Blumenau, quando começou a se esboçar um movimento nativista no Vale do Itajaí. Para se confirmar tal registro, basta nos determos na edição nº. 37, do «Der Urwaldsbote», de 9 de março de 1901, quando este jornal blumenauense transcreveu do jornal «Weserzeitung» um artigo assinado por Hermann Grothus, sob o título «As Colônias Alemãs de Santa Catarina», artigo esse inspirado numa visita de inspeção feita ao Vale do Itajaí, para a Companhia Colonizadora Hanseática da Alemanha, cuja publicação queremos

crer, se constituiu em um dos exageros já mencionados, de acordo com nossa opinião bastante subjetiva.

As palavras iniciais de Hermann Grothus, despertaram nos blumenauenses nacionalistas um certo descontentamento, pois, analisando-se friamente sua mensagem, poderia ser entendida de forma a pregar o «pan-germanismo», mas, talvez, não tenha sido este o objetivo do articulista. «É preciso mostrar na Alemanha mais interesse pelo sul do Brasil. Independente das vantagens materiais ali existentes, ali também há um indiscutível compromisso étnico de nossa parte. Numa época quando na pátria as castas ainda se combatiam, o despertar por unidade e igualdade alemã ainda era um crime, homens com ampla visão, homens alemães como o Dr. Blumenau, criaram aqui no sul do Brasil, uma nova Alemanha. Uma Alemanha onde não havia nem existem movimentos particularistas, uma Alemanha na qual hoje dinamarqueses simplesmente se denominam alemães».

Justifica Grothus a atenção germânica no grande Município de Blumenau, frente ao entendimento da filosofia «pan-germanista», quando menciona: «colonos e comerciantes são os pioneiros da cultura alemã. Proporcionar a estes um trabalho pacífico, não perturbado por forças inimigas, é o dever elegante da diplomacia e da força militar. Assim também en-

tendem todas as sociedades pan-germanistas no sul do Brasil, o sentido da palavra «pan-germanismo». Eles não fazem nenhuma agitação — por uma separação da pátria mãe Brasil — o que é sempre e outra vez afirmado pela imprensa nativista».

Neste trecho do artigo de Hermann Grothus constata-se uma certa arrogância do autor, conforme já mencionou Fernando Ostermann, onde aparentemente sente-se a pitada de superioridade alemã sobre os nacionais: «e como o alemão é ativo, conquista logo uma posição segura; o luso-brasileiro, no entanto — que como diz um ditado alemão deixa correr a água de Deus sobre a terra de Deus — regride economicamente da mesma forma como progride o alemão. Aqui também há uma estagnação, um retrocesso. Esta economia que, graças à excelente escola alemã, seguiu de mãos dadas e a supremacia é, em especial, o que leva o luso-brasileiro a acusar o imigrante alemão de infidelidade para com a nova pátria, na esperança de que o governo adote medidas para posicionar-se contra a expansão e o crescimento do patrimônio alemão».

Hermann Grothus, embora tendo escrito para um jornal alemão, pecou ao posicionar-se: «a Blumenau alemã, com suas bonitas casas e magníficas igrejas alemãs, sob a direção do pastor Evangélico Faulhaber; a excelente escola alemã; com suas farmácias alemãs e jornais; com sua indústria alemã e seu comércio alemão — esta obra alemã do Dr. Blumenau precisa ser alemã e continuar sendo. Todos os blumenauenses precisam ser unidos nisto». Tal ponto de vista se publicado no Brasil, é óbvio; resultaria em sérias desaven-

ças entre os habitantes do Vale do Itajaí, em que pese morar por estas bandas naquele tempo uma minoria considerável de nacionais. Infelizmente o jornal «Der Urwaldsbote» publicou dito artigo para conhecimento de toda a sua vasta legião de leitores catarinenses, como sendo transcrição do jornal alemão «Weserzeitung».

Diante dos fatos apresentados, como tudo se iniciou, então? Já foi analisado anteriormente ser o brasileiro muito preservador de seus direitos de dono da terra, principalmente seus usos, costumes e sua língua. Por outro lado, o alemão, por índole, demonstrava uma certa arrogância, até mesmo entre seus conterrâneos. Tornou-se difícil a miscigenação das duas nacionalidades, primeiramente, pela impossibilidade de comunicação, pois um não sabia falar a língua do outro. É preciso não esquecer, ainda, não ter o imigrante recebido a ajuda esperada das autoridades governamentais brasileiras, obrigando-o a agir por conta própria. Era óbvio que o estrangeiro iria estribar-se em seus usos e costumes, com o que não concordavam os nacionais.

Tudo era uma questão de sobrevivência. E foi graças à iniciativa dos imigrantes que a colonização desenvolveu-se, originando importantes pólos econômicos, como o da região de Tubarão, de Joinville, de Blumenau, inicialmente os mais importantes empreendimentos italianos e alemães. Especificamente em Blumenau, indústrias e empreendimentos financeiros de alto vulto eram implantados e cresciam com o passar do tempo, ficando em mãos dos imigrantes — em sua maioria naturalizados — a administração da riqueza. Acreditamos nós, esta é uma

opinião muito subjetiva de nossa parte, isso criava uma certa revolta entre os nacionais.

Então, quando foi convocada a população blumenauense para a unificação do Partido Republicano, surge o «Volkspartei», uma entidade política do «Volksverein», sociedade popular com fins de atender às necessidades dos colonizadores, mas, que valeu a seu fundador Eugen Fouquet, muitos dissabores e, sobretudo, inimizades. Isso se deveu ao fato de Fouquet, embora trabalhando pelo progresso do Vale do Itajaí, pregava não se pôr ao esquecimento sua nacionalidade, tendo por essa ação sido cognominado como «pan-germanista».

Assim sendo, pelo jornal «Der Urwaldsbote», de 4 de maio de 1901, torna-se pública uma denúncia, até certo ponto controvertida e, acima de tudo, bastante grave e capaz de convulsionar a tranquilidade social do Vale do Itajaí. «Nos últimos tempos o nativismo cresceu muito. Em alguns lugares verdadeiras orgias festejam, especialmente no órgão governamental «O Dia», em Destêrro, que publicou sob o título «Questão Racial» uma

série de artigos que provam o máximo possível o ponto do nativismo. Partindo da Colônia de Blumenau onde os «estranhos» criaram uma posição, que parece perigosa ao autor e se esta chegar a posicionar-se tem a maior semelhança com o programa do governo russo, na russificação da Finlândia».

O articulista do «Urwaldsbote» critica o autor da matéria publicada no jornal florianopolitano «O Dia», por não ter assinado o artigo, porém, acrescenta ter pesquisado e descoberto tratar-se do Superintendente de Blumenau, Dr. José Bonifácio da Cunha. Diante de tal esclarecimento aproveita para fazer o seu comentário político de oposição: «... Município onde a maioria da população é de imigrantes, este se apresenta como paladino contra os interesses do elemento imigrado! Agora até ao mais míope deve ficar claro, como era justificado o aviso daqueles que eram contra a eleição deste homem. Caiu a máscara que enganava a tantos. O lobo viu chegando a hora de deixar a pele de ovelha, na qual ele se sentia desconfortável».

(Continua no próximo número)

---

## ARQUIVO HISTÓRICO REGISTRA AJUDA DE FRANKENTHAL À BLUMENAU

BLUMENAU — O Prefeito Victor Fernando Sasse recebeu da cidade de Frankenthal, Alemanha, uma documentação de 17 páginas contendo reportagens e cartas sobre a ajuda que aquela cidade alemã deu à Blumenau, por ocasião da enchente de 1983. Somente em dinheiro, Frankenthal doou à Blu-

menau 20 mil marcos — equivalente hoje, a aproximadamente Cr\$ 15 milhões. Os documentos foram enviados pelo coordenador da Ação de Ajuda de Frankenthal, Bruno Schön.

Toda a documentação está guardada no Arquivo Histórico da Fundação «Casa Dr. Blumenau».

## REMINISCÊNCIAS - O Carro de Mola

«Niterói, 04 de janeiro de 1992»

Nelson Vieira Pamplona  
Revista «Blumenau em Cadernos»  
Blumenau — SC.

Sua carta dirigida à Revista «Blumenau em Cadernos», publicada no número de Nov./Dez., 1991, página 345, provocou um efeito catalítico em minha memória mencionando o carro de molas. Também guardo recordações agradáveis desse veículo de 2 HP. Inicialmente situo-me no tempo passado e no cenário destas lembranças: abrangem um pouco mais do que a década de 40, para ambos os lados, e morava, então, na Alameda Rio Branco, ex-número 28, agora 286, quase defronte da ferraria da Família Olinger. Hoje existe lá, na minha opinião, um «pesadelo» em granito, plástico e metal; evito passar por lá quando vou à Blumenau. Naquele lugar vivemos intensamente a era do carro de molas. Para se ter uma idéia de como este veículo fazia parte de nossas vidas cotidianas, relato o episódio no qual minha irmã, tendo caído de uma árvore em nosso quintal, minha mãe, em sua aflição para hospitalizá-la, mandou chamar um carro de molas, e lá foi com ela para o Hospital Evangélico. Mais tarde veio-lhe a lembrança de que deveria ter chamado um «carro de praça», como chamávamos os táxis naquele tempo. Aliás, esses e os carros de molas tinham seus pontos diante do prédio onde era o Correio, no início da Alameda, desde a Casa Kickbusch até quase a esquina da Rua Sete de Setembro, onde era a serraria do Ehrat. Reinava uma aparente convivência pacífica entre os boleiros dos carros de molas e os motoristas de carros de praça. Isto seria um assunto para pesquisa futura, fica aí a dica. Um boleiro de nome Herr Gabriel, era o preferido por nossa família; marcavam-se corridas na véspera, ou até dias antes, como visitas ao cemitério, festas de aniversário, etc. Podia-se confiar, na hora marcada, lá estava o carro de mola buzinando a corneta de pera de borracha. Herr Gabriel passou mais tarde para um carro de praça. Chamava-se um carro de molas por telefone. Isto era muito prático, mas dava margens aos trotes. Contam um trote famoso passado a um boleiro, por telefone; deveria apanhar um freguez na Rua São Paulo, lá onde há uma praça diante de uma casa com árvores grandes. O carro de molas foi, e lá chegando diante da praça, começou a tocar a buzina de pera de borracha. Como ninguém atendia, resolveu informar-se onde morava o Dr. Fritz Müller, que chamara o carro de molas. Indicaram-lhe a estátua do grande naturalista, na praça. O boleiro podia ter-se irritado com a corrida por um trote, mas passou a conhecer um vulto da História de Blumenau, que, por desconhecer custara-lhe uma viagem e um vexame.

Atualmente, quando assisto aos desfiles em Blumenau, vários carros de molas passam, enfeitados e aplaudidos pelo povo. Neles desfilam o Senhor Frederico Kilian, o Professor Arruda, e muitas outras personalidades importantes de Blumenau. Mas até agora não reconheci entre eles um carro de molas de fabricação da Família Olinger. A elegância e

suavidade de suas linhas, a pintura artística do chassis e paralamas, não estão entre eles. São de outros fabricantes de Blumenau, Brusque ou Indaial. Acredito que o atual proprietário de um carro de molas com a assinatura de José Olinger guarda-o zelosamente, como uma obra de arte.

Posso estar enganado, mas fui espectador do nascimento de vários carros de molas na ferraria da Família Olinger. O Senhor José Olinger organizou pioneira e genialmente uma montadora de carros de molas, como as atuais montadoras de veículos motorizados, nas devidas proporções, é claro. As oficinas subsidiárias fabricavam as partes de acordo com suas especificações e orientações. Nisto era rigoroso, e somente as ferragens e o acabamento final era executado em sua ferraria. Posso registrar aqui alguns detalhes observados por mim, por exemplo, as rodas em madeira eram feitas na marcenaria da Família Beims, vizinhos de fundo da ferraria. Eram entregues sem as partes metálicas. A colocação do aro de ferro, de perfil retangular vazio, abertura para o lado externo, era feita na ferraria. O aro tinha uns poucos milímetros menos que a roda de madeira, no diâmetro. Era deitado no chão de terra apoiado sobre quatro ou mais calços de ferro, mantendo-o uns dez centímetros acima da superfície. Em toda sua volta eram arrumadas achas finas de lenha, em paliçada cruzada. Depois queimava-se essa lenha, acendendo-a por igual em todo o círculo. A roda de madeira já se encontrava deitada ao lado; quando o aro estava aquecido quase ao rubro, duas pessoas erguiam-o com tenazes longas e colocavam-o sobre a roda de madeira, justapondo-o horizontalmente. Com dois ou três ganchos, próprios para este serviço, o aro aquecido era pressionado por igual até ajustar-se inteiramente sobre a superfície externa da roda de madeira. Assim que estava no lugar certo, jogava-se água para esfriar o aro de ferro, apertando-o no lugar de sua posição externa da roda. Tudo acontecia sob o comando do Senhor José Olinger, ou de seu filho Orlando, o qual herdou o gênio do pai nas artes com os metais, cercado por comandos em voz alta e muita fumaça. Depois fazia-se o acabamento, fixava-se o aro com parafusos e colocava-se a buzina, como era chamada a bucha central da roda na qual ela se fixava na ponta do eixo. A parte oca do aro de ferro recebia uma argola de borracha de pneu, encaichada firmemente, dando ao carro de molas um rodar quase silencioso e suave sobre os paralelepípedos das ruas de Blumenau. Quando o carro de molas estava pronto, pintado e reluzente, saía da ferraria como um elegante veleiro, quando é lançado ao mar no estaleiro.

Isto me faz lembrar do carro de molas de uso particular do Senhor José Olinger e de sua família. Era um landau de cor preta, com metais brilhantes, tracionado por um só cavalo, Einspaenner, em alemão, cujo cambão é duplo, entre as duas hastes é atrelado o cavalo. A capota era conversível e era tracionado pelo brioso baio.

Da varanda de minha casa, espiando entre os gerânios floridos sob os cuidados de mamãe e de minha avó, inúmeras vezes acompanhei a saída ou a chegada, desse carro de molas todo especial e somente dirigido pelo Senhor José Olinger; não havia outro igual em Blumenau. Dejo compartilhar para a História de Blumenau um acontecimento que ca-

racteriza aquela década de 40 demonstrando o grau de cultura, tradição e humanidade em que se vivia.

Manhã de domingo, o Senhor José Olinger retira o landau da ferraria e lava-o no pátio. Atrela o Baio, falando com ele, como fazem as pessoas que estimam e sabem lidar com os animais. Pouco depois, de terno azul marinho e chapéu cinza, leva o veículo até a Alameda e estaciona-o diante da casa. Dá os últimos retoques na aparência do carro de molas, enquanto espera Frau Olinger descer as escadas da casa. Oferecendo-lhe o braço, instala-a no banco de trás; dá a volta ao veículo apanhando as rédeas e um chicote fino e longo, e instala-se ao lado de Frau Olinger. Sob seu comando o veículo parte suave e vigorosamente com um trote elegante do Baio, pela Alameda, em direção à Igreja Matriz, onde assistirão a missa. Algumas vezes observei o regresso, o carro de molas parava diante da casa, Senhor José Olinger ajudava Frau Olinger a desembarcar. Enquanto ela entrava na casa, ele recolhia o veículo ao pátio da ferraria. Desatrelava o Baio sob as calorosas boas-vindas do Piloto, um cachorro grande e amarelo que era o guardião da ferraria. Depois de dar água ao Baio, recolhia-o à cocheira. Entrava em casa para mudar a roupa e logo em seguida recolhia o carro de molas na ferraria. Assim era Blumenau.

O carro de molas também servia para viagens, combinava-se a «viagem comprida» com o boleeiro e, acertado o preço e as condições, parlia-se para a Garcia, Itoupava Norte, Gaspar, Brusque, Salto Weissbach, até onde o veículo e o boleeiro podiam ir. Uma coisa era certa, a confiabilidade na destreza do boleeiro na condução do veículo e na hora e itinerário combinados. Houve acidentes envolvendo carros de molas, mas comparando estatísticas da época, houve muito mais com carros motorizados.

Blumenau poderia ressuscitar o carro de molas como atração turística nas temporadas e como veículo de transporte em tempos normais.

Procurei registrar o que minha memória pode produzir sobre o assunto neste momento. Creio ainda existirem antigos boleeiros, Kutschier, que poderiam contar muito mais sobre carros de molas.

Agradeço a oportunidade que me deu para expor minhas lembranças e estou pronto para «trocar» figurinhas de nossas recordações.

Atenciosamente,

**Knut Ewald Koster Mueller**

Rua Mariz e Barros, 126 apt. 201

Icaraí, Niterói, RJ — CEP 24.220

Tel. (021) 710.5513

---

## **Reportagens sobre visita de Helmut Kohl são guardadas no Arquivo Histórico**

BLUMENAU — Através do Consulado Geral da Alemanha em Curitiba, o Serviço de Imprensa e Informação de Bonn enviou ao Prefeito Victor Fernando Sasse 20 reportagens publicadas na imprensa ale-

mã, sobre a visita do Chanceler Helmut Kohl à Blumenau.

Toda a documentação está arquivada no Arquivo Histórico da Fundação «Casa Dr. Blumenau» na Alameda Duque de Caxias.

# Registros de Tombo da Paróquia de Gaspar

Pe. Antônio Francisco Bohn.

3º. Livro (1934 — 1983) (Continuação)

Termo 15: Santas Missões na paróquia, de 15 a 22.11

Termo 16: Encerramento das aulas, em 15.12. Realização do Natal das crianças pobres, em 26.12. Missa de ação de graças, em 31.12.

Termo 17: Movimento religioso de 1936: Batizados (483), casamentos (82), confissões (27.500), comunhões (33.976), 1as. Comunhões (359), sermões (470), enterros (66), visitas aos doentes (122), Apostolado da Oração (668), Congregação dos moços (75), Pia União (140), Apostolado dos Homens (430), Cruzada Infantil (380), Ordem Terceira (49).

Termo 18: Falecimento do fabricante Alberto Schmitt, em 11.01. ANO DE 1937

Termo 1: Inauguração do monumento Cristo Redentor ao lado da matriz, em 01.01.

Termo 2: Enfermidade do vigário e sua substituição temporária por Fr. Júlio Janssen (sem data).

Termo 3: Celebração da Semana Santa de 1937.

Termo 4: Celebração da 1ª. Eucaristia de 160 crianças na matriz em 04.04.

Termo 5: Festa da Gruta em 03.05. E celebração do mês de maio com novenas.

Termo 6: Procissão do Corpo de Deus, em 27.05.

Termo 7: Partida de Fr. Júlio Janssen para o Paraná (sem data).

Termo 8: Festa do Sagrado Coração de Jesus, em 03.06.

Termo 9: Festa de São Pedro de 1937.

Termo 10: Reunião dos fabricantes da matriz, em 11.07.

Termo 11: Falecimento do presidente dos fabricantes Sr. José Spengler, em 30.07.

Termo 12: Início da construção da nova escola paroquial, em 17.08.

Termo 13: Crismas na Ilhota e Baú por D. Daniel, bispo de Lages, de 23 a 25.08.

Termo 14: 1ª. Eucaristia de 18 crianças na matriz, em 29.08.

Termo 15: Falecimento de Gerta Koerich, em 03.09.

Termo 16: Retiro anual dos padres, de 05 a 12.09.

Termo 17: Bênção do novo altar da capela da Casa Paroquial, em 20.09.

Termo 18: Festa de São Francisco, em 04.10.

Termo 19: Falecimento de Maria Vitória Wilbert, em 19.10.

Termo 20: Festa de Cristo Rei e 1ª. Eucaristia de 166 crianças. Festa de Todos os Santos e Dia de Finados.

Termo 21: Inauguração da nova escola paroquial, em 05.12.

Termo 22: Plantação de 1.000 m2 de grama no barranco da praça Cristo Rei. Término no natal de 1937.

Termo 23: Transferência do vigário Fr. Francisco Xavier para Rio Negro. Nomeação de Fr. Godofredo Siebert como seu sucessor. Nomeação dos coadjutores: Fr. Solano Schmitt e Fr. Elmar Posch.

Termo 24: Movimento religioso dos três últimos anos.

Termo 25: Movimento religioso de 1937: Batizados (353), casamentos (80), confissões (25.000), comunhões (31.419), 1<sup>as</sup>. comunhões (372), sermões (450), enterros (86), visitas aos doentes (99).

#### ANO DE 1938:

Termo 1: Palavras introdutórias de Fr. Godofredo Siebert.

Termo 2: Chegada do novo vigário Fr. Godofredo, em 11.01.

Termo 3: Festa de São Sebastião e nova imagem doada à matriz pelo Sr. Antônio Pedro Schmitt, em 20.01.

Termo 4: Comunhões gerais na matriz (sem data).

Termo 5: Adoração ao SS. Sacramento durante os dias de carnaval.

Termo 6: Semana Santa celebrada como de costume.

Termo 7: Festa da Gruta, dia 03.05. e novenas durante o mês de maio.

Termo 8: Entrega da fita para mais de 60 membros da Congregação Mariana, em 25.05.

Termo 9: Coroação de N. Senhora, em 31.05.

Termo 10: Festas do Sagrado Coração de Jesus, em 24.06, e de São Pedro, em 29.06, e do Senhor Bom Jesus em agosto.

Termo 11: Concentração Mariana em Brusque, em 16.10, e confecção e bênção da bandeira, em 09.05.

Termo 12: Festa de Cristo Rei e celebração das 1<sup>as</sup>. Eucaristias de 190 crianças na matriz.

Termo 13: Dia das Missões e coleta nesta intenção.

Termo 14: Exumação do corpo de Catarina Schmitt, em 30.10.

Termo 15: Celebração da Festa de Natal, em 25.12.

Termo 16: Missa de ação de graças, em 31.12.

Termo 17: Movimento religioso de 1938: Batizados (360), casamentos (78), enterros (81), confissões (29.800), comunhões . . . . . (35.600), 1<sup>as</sup>. Eucaristias (220), sermões (425).

#### ANO DE 1939:

Termo 1: Festa de São Sebastião, em 20.01.

Termo 2: Profissão de fé católica do Sr. Willi na capela da Casa Paroquial, em 16.01.

Termo 3: Provisões em favor do vigário e coadjutores, fabriqueiros da matriz e capelas, em 08.02.

Termo 4: Profissão de fé católica de 12 pessoas, em 18.02.

Termo 5: Comunhão geral das mães, em 02.02.

Termo 6: Falecimento do Papa Pio XI, em 13.02.

Termo 7: Reinício das aulas da escola paroquial, em 15.02.

Termo 8: Adoração ao SS. Sacramento durante os dias de carnaval.

Termo 9: Celebração da Semana Santa de 1939.

Termo 10: Ladainha de São José durante o mês de março.

Termo 11: Te Deum pela eleição do novo Papa Pio XII.

Termo 12: Via Sacra nas 6<sup>as</sup>. feiras e demais exercícios da Quaresma e Semana Santa.

Termo 13: Desabamento do muro perto do salão Cristo Rei (sem data).

Termo 14: Novenas de preparação à festa de Nossa Senhora da Gruta, em abril.

Termo 15: Festa da Gruta, em 03.05.

Termo 16: Bênção da imagem de N. Senhora Aparecida, em 11.05.

Termo 17: Participação de Fr. Solano no Congresso Eucarístico em Florianópolis (sem data).



Termo 18: Organização da escola paroquial e problemas relativos a ela (sem data).

Termo 19: Questão do terreno da Igreja extremado com terras do Sr. Altenburg (sem data).

Termo 20: Festa de N. Senhora do Bom Parto e comunhão geral da mães, em 11.10.

Termo 21: Dia das Missões e

coleta nesta intenção, em 22.10.

Termo 22: Festa de N. Senhora da Imaculada Conceição, em 08.12.

Termo 23: Movimento religioso de 1939: Batizados (366), casamentos (72), enterros (57), visitas aos doentes (102), confissões . . . . (28.600), comunhões (34.700), 1<sup>as</sup>. comunhões (108).

---

## UM POUCO DA HISTÓRIA DO ALTO VALE

---

### MUSEU DOS PIONEIROS — SUA ORIGEM

O nome completo seria: Museu dos Pioneiros do Vale do Rio-Abaixo, sediado nas Dependências da Prefeitura Municipal de Petrolândia.

Por **Rio-Abaixo**, entende-se o Vale do Rio Itajaí do Sul e seus muitos afluentes. Sobre as famílias que migravam do Sul do Estado para esta Região, os parentes e conhecidos davam a seguinte informação: «eles foram rio-abaixo». Daí o nome «Rio-Abaixo». Ainda usado, em 1921, pelo Pe. Augusto Schwirling, Vigário de Teresópolis, numa lembrança de primeira comunhão. Basta conferir a peça n.º 103 deste museu. Um nome ao qual damos preferência devido ao seu sentido histórico inicial e sua maior abrangência geográfica.

Por **Pioneiros**, significamos as famílias colonizadoras, em geral de ascendência germânica, que, durante a primeira metade do século vinte, e mesmo anteriormente, isto é, em pontos mais ao norte do Vale, vinham de muda para estas promissoras plagas do Rio-Abaixo. A duras penas, foram comprando suas novas propriedades de terra às companhias colonizadoras. Para ganharem um pouco de dinheiro,

bom número de homens e moços empregava-se no trabalho de abertura de estradas públicas pela floresta. Tudo na força do braço: com foices e machados, com picaretas, enxadões e pás.

Por **Museu**, indica-se, no presente caso, um acervo de objetos, fotografias e documentos antigos, de certo valor histórico, e ligados à época pioneira. Que vai até 1950, porque com o surgimento das primeiras estufas de fumo começa a história «moderna» dos colonos: com mais dinheiro no bolso, mais conforto em casa e menos suor na lavoura.

Damos preferência às peças de fabricação artesanal, prestigiando, assim, o diálogo entre as mentes criativas e as habilidosas mãos de pioneiros, embora apenas com ferramentas mais ou menos primitivas. Destacam-se, no referido setor, as dezenas de serrarias, engenhos de farinha e de açúcar, construídos dentro e fora das fronteiras do Rio-Abaixo. Bastaria lembrar, dentre outros, os construtores Pedro, Augustinho e Paulino Momm.

Por que o museu está **sediado em Petrolândia**? Poderia estar, di-

gamos, em Ituporanga. Pois a família Koch viveu dois anos em Vila Nova (1924/25) e seis em Águas Negras (1926/32). Além disso, o filho mais velho, para continuar na escola, parou quase três anos em casas de famílias de Salto Grande. Em 1932, mais de meio ano na casa da costureira Deolinda Santos, na Freguesia de Baixo. Na Freguesia de Cima, parou, em 1933, na casa do coletor estadual Adolfo Knabben. E, em 1934, na casa do farmacêutico Ulrich Müller.

Acontece, porém, que a família Koch viveu por quase quarenta anos em Petrolândia, na localidade de Barra Nova, onde nasceram os seis últimos filhos. Em Ituporanga, assim a diretora da «Casa da Cultura» como o Prefeito Municipal se têm mostrado muito receptivos à idéia de lá sediar-se o museu. Mas a palavra já havia sido empenhada com o Prefeito Municipal de Petrolândia.

Antes da idéia do museu, surgiu a do livro «Famílias Pioneiras de Salto Grande», escrito em 1985. Mas os respectivos dados históricos e genealógicos vinham sendo reunidos pelo autor desde 1968, conquanto apenas em semanas de férias. Trabalho que exigiu muitas viagens, pesquisas e persistência. Não que os casais Pedro Koch /Hermelinda Martenthal e José Wiese / Otilia Farias, muito o apoiaram com suas conduções e trabalho. O advogado João Momm apressou a publicação do livro. Entrou com parte do financiamento e deu algumas sugestões úteis. Razão pela qual o autor houve por bem admiti-lo na co-autoria do livro.

Foi em 1977 que despontou a idéia de um museu. Que também se foi concretizando durante as férias, e com a ajuda de Pedro Koch

e Senhora, e José Wiese e Senhora.

Inicialmente, projetava-se um museu particular, com a designação de «Museu dos Irmãos Koch». Pedro Koch prontificou-se a construir-lhe a sede em Barra Nova, na antiga propriedade do casal José Carlos Koch e Maria Lúcia Momm, em lote cedido por Ivo Koch. Contudo, o plano se mostrava inviável. Pois a sede ficaria muito fora de mão, não se previa segurança de continuidade e as proporções do museu iam crescendo sempre mais.

Em 1990, D. Koch entrou em entendimentos com o Sr. Nelson Eger, Prefeito Municipal de Petrolândia, no sentido de instalar-se o museu numa sala do antigo ginásio particular. Novamente, Pedro Koch deu aquela ajuda. Recoilimos as peças do museu, concentradas em vários depósitos localizados dentro e fora dos limites do Rio-Abaixo. No mesmo dia, as peças foram transportadas de caminhão para Petrolândia. Tudo foi amontoado numa das salas do referido ginásio, aguardando as próximas férias.

A partir de 8 de dezembro de 1991, com a ajuda da Prefeitura Municipal e de várias famílias, particularmente do casal Lourenço e Dalci Hemkemayer —, foi possível proceder a montagem do museu, iniciada por uma santa missa rezada na capela de Rio Indaia. Foi um trabalho de três semanas.

O acervo do «Museu dos Pioneiros» é de propriedade dos irmãos Dorvalino Koch e Pedro Koch. Mas sempre respeitada a sua destinação para o referido museu.

Neste mundo, somente o homem é um ser histórico. O único, pois, a viver nas três dimensões do tempo: no presente, no passa-

do e no futuro. O homem pensa, sente e age no presente. Com as experiências do passado e do presente, projeta seus ideais futuros. Esperançoso e ativo, para lá dirige seus passos realizadores.

Daí que a recordação do passado é parte integrante da vida humana. E um museu serve para

cultivar nossas raízes culturais e salvaguardar a identidade do nosso povo. É um meio de louvar os homens e mulheres ilustres, os nossos antepassados, a cuja geração pertencemos (Ecl 44,1).

Petrolândia 08/12/1991.

**Pe. Eloy Dorvalino Koch, scj**

---

## OBITUÁRIOS FRANCISQUENSES

Antônio Roberto Nascimento

Aos 20.7.1783, morreu Susana Ferreira, filha solteira de Lourenço de Arriola, conforme obituário que se encontra no primeiro livro de óbitos da Matriz de N. S<sup>a</sup>. da Graça do Rio de São Francisco do Sul, composto de folhas avulsas, agora cuidadosamente preservadas. Esse Lourenço de Arriola deve ser descendente de Vicente de Arriolas, que teve sesmaria na Ilha do Mel ao tempo da fundação de São Francisco do Sul (Cf. Dr. Luiz Gualberto, Contribuição para a História do Estado de Santa Catarina. Fundação da Cidade de S. Francisco do Sul, Rev. do IHGSC n<sup>o</sup>. 1, Vol. I, 1902, p. 69). Antigo topônimo francisquense e a "Costeira dos Arriolas", ou praia dos Arriolas, ou ainda, "lugar Arriolas".

Aos 16.9.1783, faleceu da vida presente Manoel Caetano, filho do Capitão João da Silva de Farias, com 13 anos de idade, "scmente com o sacramento da extrema unção por se encontrar sem fala impedido de expressar", segundo anotou o Pe. Bento Gonçalves Cordeiro. Esse capitão não seria filho do Antônio da Silva de Faria, casado com Ana Fernandes, mencionado por Pedro Taques (Nobiliarquía, Tomo III, 1930, p. 190)?

Aos 24.10.1783, encontramos o obituário de Apolônia Barbosa, viúva de Simão de Arrioles, com 70 anos "pouco mais ou menos". Não seria ela epônima do

Barbosa epônimo do rio de mesmo nome na Península do Saí?

Já aos 6.5.1787, falecia Francisca de Oliveira, "de 35 anos pouco mais ou menos", casada com Manoel Silveira Pacheco, "soldado pago do Regimento de Santa Catarina", sem sacramentos "por morrer de repente". Anda por aqui alguma contradição, pois, aos 24.4.1502, Manoel Silveira Pacheco, natural da freguesia de N. S<sup>a</sup>. do Rosário da Enseada do Brito, fillo de Antônio Silveira Pacheco e de Bárbara Maria, então já finada, casou, na Matriz de N. S<sup>a</sup>. do Desterro, com Francisca de Oliveira Camacho, natural do Rio de São Francisco, viúva que ficou de Francisco Dias Souto (V. 4<sup>o</sup>. livro de casamentos da Matriz da Ilha de Santa Catarina).

Aos 27.2.1787, morreu Amador Gomes de Oliveira, com cerca de 70 anos de idade, casado com Francisca Xavier dos Santos, pedindo fosse seu corpo sepultado na Capela de São José e uma capela de missas por sua alma. Parece que era comerciante.

Sebastião de Arriola, provavelmente neto do citado Vicente de Arriolas (v. supra), morreu aos 16.7.1785, com 70 anos de idade "pouco mais ou menos".

Aos 8.11.1785, faleceu Ana Vieira Pedrosa, com cerca de 90 anos, sem mais notícias.

Um Antônio Machado, "morador na praia de Caboriuguassu (sic), faleceu aos 2.10.1785, sendo sepultado na Capela de São João Batista de Itapocoróia, de morte repentina, e recomendado pelo capelão dela, o Rev. Antônio Duarte Carneiro, que, assim, lá se encontrava muito antes da data atribuída por J. Ferreira da Silva (Cf. Hist. do Mun. de Penha, s.d., p. 11).

João Ribeiro Baião, casado com Bárbara Francisca, "moradores desta", tem obituário de 5.2.1788 e "faleceu desgraçadamente afogado e seu corpo não apareceu por mais exatas diligências que se fizessem".

Aos 20.4.1789, falecia Josefa Dias, casada com Antônio Tavares, "morador no Rio de Miranda, sem sacramentos "por descuido de seu dito marido a quem condenei com dez tostões para a fábrica."

Aos 27.9.1790, faleceu Agostinho de Oliveira, viúvo de Maria Dias, com 80 anos pouco mais ou menos, "recomendado por mim por impedimento do Rev. Vigário onde era freguês", conforme assento firmado pelo Pe. Teodoro José de Freitas Castro.

Em 24.5.1789, morreu Anacleto Teixeira Vaz, de 60 anos, casado na Cidade do Rio de Janeiro com Teresa Inácia de Jesus, moradora no Rio de Janeiro. Estava ocasionalmente por lá, muito provavelmente em viagem marítima.

Aos 15.8.1789, encontramos e obituário de Antônia de Oliveira, de 26 anos, casada com João Dias Veloso, "sem sacramentos porque vindo enferma e não alcancei viva".

Maria Pires, aos 3.3.1791, de cerca de 25 anos de idade, mulher de Luiz da Silva de Arrioles, morreu "sem sacramentos por morrer repentinamente picada de uma cobra".

Aos 7.1.1790, faleceu o Sargento-Mor Francisco José Taveira de Mesquita, "repentinamente, apenas com absolvição de suas culpas", com 50 anos "pouco mais ou menos", morador na freguesia da Vila de Guaratuba, nela casado com D. Rita Maria Xavier dos Santos e sepultado

dentro da Matriz.

Aos 10.6.1790, faleceu Antônio Pigneiro, "soldado deste destacamento", casado com Angélica Maria, com cerca de 40 anos. Dois anos depois, aos 14.3.1792, na Capela de S. João Batista de Itapocoróia, batizou-se a Floriano, filho natural de Ana, escrava de Antônia Pigneira, "moradores no Rio de Itajaí" (livro n.º 1, da Penha). Seriam parentes?

Aos 17.5.1793, morreu Francisca Xavier dos Santos, viúva de Amador Gomes de Oliveira, que encomendou 50 missas por sua alma. Seria parente, ao que supomos da citada D. Rita Xavier dos Santos, viúva do Sargento-Mor Francisco José Taveira de Mesquita (v. supra).

Aos 10.10.1794, deu-se "sepultura ao corpo do Ajudante Felipe Neri de Lima, o qual havia caído no mar no dia seis".

Em 1.º.12.1794, faleceu Inácio de Ozeadas, "desgraçadamente afogado no mar", com 24 anos de idade, casado com Francisca Gonçalves.

Já aos 31.3.1795, falecia Salvador de Oliveira Camacho, natural de São Paulo, com cerca de 70 anos, "sem sacramentos por morrer apressadamente de uma dor segundo me contou por pessoas fidedignas e foi sepultado nesta Matriz, acompanhado por mim e pelo Rev. Coadjutor e pelas cruzeiras das Irmandades do Santíssimo Sacramento e do Rosário dos Pretos. Teve missa de corpo presente por mim e pelo meu coadjutor, sendo seu corpo envolto em pano branco."

Aos 5.12.1784, falecia Francisco da Lomba, com cerca de 80 anos e com testamento. Segundo informações do finado historiador franciscano, Sr. Otávio da Silveira, a atual Rua Rafael Pires Pardini, em S. Francisco do Sul, chamava-se outrora Rua do Lomba, ou Rua do Saco do Lomba, porque terminava no Saco do Lomba, reentrância do mar naquele local. Tudo parece indicar que Francisco da Lomba fosse o epônimo do lugar, onde provavelmente também morava.

Aos 27.3.1796, faleceu Manoel, de 14 anos; filho legítimo de José de Sá da

Costa e de Ana Martins. Esse José de Sá da Costa seria filho de Luiz de Sá da Costa, juiz ordinário de 1758, quando deu posse ao Capitão-Mor João Tavares de Miranda.

Aos 4.5.1796, faleceu Leandro, filho do soldado Mateus Dias, "deste destacamento". Seria o Mateus o Mathias Dias de Arzão?

Aos 22.12.1796, lavrou-se o obituário do Alferes José Francisco da Silva, de cerca de 62 anos, casado com Ana Jacinta Pereira, sendo enterrado na Capela do Glorioso São José, "acompanhado por todos os sacerdotes e cruzeiras das irmandades".

Aos 26.2.1797, foi sepultado Manoel de Oliveira, sem sacramentos "por morrer desgraçadamente afogado", casado com Rita da Costa e "na antiga Matriz" (sic).

Aos 17.5.1797, morreu Antônio da Piedade, natural da Bahia, casado com Vitória Francisca, de cerca de 90 anos, com sacramentos e testamento, onde pediu que seu corpo fosse "envolto em hábito de São Francisco" e fosse rezada "missa de corpo presente", o que "tudo se cumpriu, exceto o hábito, e foi à terra envolto em olanda crua" (sic).

Aos 13.6.1798, encontramos o obituário de Antônio Moreira, filho do falecido Francisco Gonçalves Moreira, que "faleceu atacado de uma espinha na garganta". Francisco Gonçalves Moreira fora casado com Rita Chaves da Silva e deixou descendência ligada aos Gonçalves Padilhas.

Aos 27.1.1799, faleceu Jacinto José, com cerca de 50 anos, de "colera morbus", casado na Ilha de Santa Catarina, sem sacramentos.

Aos 9.11.1800, faleceu Ana França de Medina, "de morte repentina mordida de uma cobra", casada com Francisco da Maia, com cerca de 50 anos.

Isabel Maria de Jesus, viúva de Manoel Furtado Mancebo, único casal de açoritas efetivamente radicado em S. Francisco do Sul, assim mesmo depois de

breve estabelecimento na Ilha de Santa Catarina, tem obituário de 25.11.1800, onde seu testamento é transcrito. Pediu que "seu corpo fosse sepultado na Igreja Matriz desta Vila, envolto em pano preto, acompanhado pelo Rev. Pároco e demais sacerdotes que se achassem no dia de seu enterramento, que de dissesse por sua alma missa de corpo presente, que lhe acompanhassem as cruzeiras de sua Irmandade cuja era do Santíssimo Sacramento...". Declarou que era natural da Ilha de São Jorge e que teve 10 filhos. Declarou que "devia um mês de serviço de um escravo seu às obras da Igreja Matriz, por uma promessa à Virgem N. S. da Graça, cuja promessa fizera em benefício pela saúde do mesmo escravo". Devia também à Igreja de São Francisco de Paula da freguesia de Santo Antônio da Ilha de Santa Catarina a quantia de 12 mil e quatrocentos réis, bem como outro tanto ao Senhor Bom Jesus de Iguape. Determinou que, "em sua vida não satisfizesse ao Alferes Manoel Antunes o ensino de seus filhos, logo já lhe pagassem prontamente quantia quanto ele dissesse era devedora". Deixou à sua filha Florentina Rosa dois pares de castiçais de ouro "que mandava vir da Cidade da Bahia por Manoel das Neves Firme, para os quais lhe dera ouro velho, como consta de recibo que ele passou. Declarou ainda que, "do monte de sua fazenda se faria a festividade do Senhor Bom Jesus nesta Vila, em seu próprio dia e que seria feita na mais pronta data, à eleição de seus filhos, a quem recomendava a dita festa e que bem sabiam os motivos que tivera para fazer ao mesmo Santo de seus votos." Declarou que Joaquim José de Sousa "era devedor a sua fazenda da quantia de 16 mil réis de uma pipa de aguardente que lhe comprara." Deixou descendência que conhecemos em parte.

Aos 5.12.1800, encontra-se o obituário de Bento Pereira Lima, que "faleceu de uma obstrução", casado com Inácia de Oliveira e que "não fez testamento por ser pobre". Era filho de Amaro Pe-

reíra Lima e de Ana Moreira. Por essa época, o tabelião era José Caetano da Costa.

Aos 17.1.1801, faleceu Antônia, filha legítima de Francisco Barbosa Mendanha e de Catarina Ribeira, neta paterna de Gregório Mendanha e de Teresa Barbosa (v. supra). Esses Mendanhas seriam descendentes, ao que supomos, do Alferes Antônio Mendanha, Juiz ordinário da Vila de N. S<sup>a</sup>. do Desterro em 1727 (Cf. Henrique da Silva Fontes, *A Irmandade do Senhor dos Passos*, 1965, p. 50). Esse Antônio Mendanha foi casado com Luiza Moreira, com quem teve a filha Francisca Moreira, natural de Laguna, ou da Ilha de Santa Catarina, morta em Vião (RS), aos 12.2.1789, onde foi casada com Manoel Brás Lopes, natural da Laguna, filho de João Brás e de Maria Lopes, com expressiva descendência no Rio Grande do Sul.

"No mês de agosto de 1801, indo pescar Manoel Lopes da Ressurreição, pardo, casado nesta freguesia com Arcângela Rodrigues, virou-se-lhe a canoa na Barra do Norte, onde era morador e faleceu afogado, cujo cadáver nunca apareceu. Encomendada a alma na forma do ritual, do que para constar fiz esta declaração. Sá Freire". A assinatura é Vigário Bento Barbosa de Sá Freire Azevedo Coutinho, que já biografamos (v. Blumenau em Cadernos, Tomo XXXII, p. 183).

Aos 25.8.1801, falecia Manoel Alves da Cunha, solteiro, de cerca de 60 anos, que "não fez testamento solene senão um ajuste com a Irmandade do Santíssimo Sacramento para que esta lhe mandasse fazer o funeral por um tanto que deu de esmola."

Aos 12.1.1801, "grátis", lavrou-se o obituário de Bárbara Dias, de cerca de 80 anos, viúva de Manoel Antônio de Amorim, que "não teve de que fazer testamento".

Aos 12.8.1802, faleceu João Jorge, natural da Ilha de São Sebastião, solteiro, maior de 60 anos, "agregado de José da Silva de Faria".

Aos 7.9.1802, faleceu o Ajudante

Antônio de Campos Rocha, "comandantê que foi desta Vila", natural da Vila de Pena-Arroios, Bispado de Miranda, viúvo de Isabel Castelo, "faleceu com todos os sacramentos, foi envolto em hábito preto e acompanhado pelos sacerdotes e confrarias desta Matriz e por mim recomendado, conforme as disposições de seu solene testamento, que ficou registrado no cartório da vara eclesiástica." Era o Alferes Antônio de Campos Rocha, morador da Ilha de Santa Catarina, em 1778, filho de Pascoal de Campos e de Luiza da Conceição (Cf. O. R. CABRAL, *Raízes Seculares de Santa Catarina*, 1953, p. 111).

Aos 6.12.1802, morreu João Moreira Garcês, de cerca de 46 anos de idade, "morador nesta Vila com seu negócio da farinha seca", natural do Arcebispado de Braga e, "casado, vivia ausente de sua mulher", envolto em hábito preto e "sem testamento, com lúcidos intervalos de loucura", como assinala o Vigário Sá Freire.

Aos 18.12.1802, foi sepultado Anselmo Antunes, de 50 anos pouco mais ou menos, casado com Maria Dias, envolto em hábito preto, "com os sacramentos da penitência e extrema unção que recebeu no primeiro intervalo da loucura com que enfermou". Foi pai de Margarida Antônia, casada com Gonçalo de Góis, filho de Vicente de Góis e de Ana Cardoso, naturais de Paranaguá, com quem teve os filhos Agostinho e Joaquim, batizados aos 3.3.1805, quando o mesmo vigário diz que "todos são índios naturais e batizados nesta freguesia", o que parece não corresponder à verdade.

Já no segundo livro de óbitos da Matriz de N. S<sup>a</sup>. da Graça do Rio de S. Francisco do Sul, aos 19.9.1818, faleceu Joana Alves de Oliveira, filha de Maria Alves, com 25 anos, solteira, "agregada de Henrique José Ferreira".

Aos 23.8.1818, faleceu Antônio, inocente de três anos, filho legítimo de João Martins e de Ana de Jesus, "moradores nos Arriolas".

Nesta Capela de São José, foi sepultado, em 1819, um Aniceto José...

(ilegível)..., casado com Ana Rodrigues. Já havia, porém, o cemitério, consoante se vê no obituário de Rita, inocente, aos 15.6.1818, de cinco anos, filha legítima de Antônio... (ilegível) e de Maria da Veiga, sepultada "no cemitério desta Matriz". Além dos sepultamentos "dentro da Matriz" e no seu adro, havia também os do cemitério e os da Capela de São José, no Morro do Hospício (v. Costa Pereira, Hist. de S. Francisco do Sul, p. 130).

Aos 29.3.1818, faleceu Antônio Jorge, de cerca de 40 anos, "marinheiro que veio da Vila de Santos e dizem que era casado na dita Vila".

André Batista, aos 16.5.1817, faleceu "num desastre de lhe cair um pau sobre uma coxa". Era casado com Maria Francisca Leite e tinha cerca de 50 anos. Parece-nos que morava no Gibraltar.

Aos 12.3.1817, faleceu Antônio Dias Bello, com sacramentos, casado com Maria das Neves, com testamento e que "teria de idade 103 anos pouco mais ou menos", segundo obituário assinado pelo Vigário Hipólito Pinto Ribeiro. O Pe. Hipólito era coadjutor e irmão de Prudente Pinto Ribeiro, que, em 1817, preso "para o serviço de campanha" (Costa Pereira, Hist. cit., p. 89), puxou de uma faca e feriu um soldado que acompanhava o Sargento Salvador Estevão da Silva. Armado de pistola e espada, o Pe. Hipólito acometeu o guarda da prisão, querendo vingar a prisão de seu mano. Não sabemos qual foi o desfecho do episódio. Foi ele quem assinou o obituário do Vigário Bento Gonçalves Cordeiro, aos 10.2.1817, quando se intitula "vigário".

Aos 31.11.1813, lavrou-se o obituário de Antônio da Rosa de Oliveira, de cerca de 30 anos, filho ilegítimo de Gaspar de Oliveira e de Bárbara Rosa, que havia falecido "de bexigas no ano de 1809 e por esse motivo foi sepultado em o seu mesmo sítio, conforme determinações da Câmara desta Vila". No obituário de Gaspar de Oliveira, seu pai, aos 23 de fevereiro de 1812, vê-se que ela era "morador na Barra do Sul".

Aos 5.9.1809, faleceu Domingos Fer-

reira Galhardo, casado com Joana Lopes Pereira, "soldado do Regimento de Santa Catarina". Era filho de Lourenço de Arriolas e de Maria Ferreira, tendo sido casado com Joana Lopes Pereira, filha de Gregório Lopes e de Maria Pereira, com quem teve, dentro outros, o filho Antônio João Germano, casado, por seu turno, com Cesariana Dias da Conceição, filha de Manoel Ribeiro e de Antônia Dias, conforme batismo do filho João, aos ... 18.11.1832 (Livro n.º. 8 de batismos da Matriz de N. S.ª da Graça. Ao que supomos, morava nos Tabuleiros da Barra Velha do Rio Itapocu.

O sobredito Capitão Manoel Antunes de Menezes, professor dos filhos da açoriense Isabel Maria de Jesus (v. supra), faleceu aos 14.1.1816, com cerca de 70 anos, casado com Bárbara Joaquina da Silva.

Aos 30.3.1803, faleceu João Dias de Amorim, "soldado do destacamento desta Vila", com cerca de 30 anos, casado com Maria do Espírito Santo. Seria filho ao que supomos, de Manoel Dias de Amorim e de Maria dos Passos, pais, outrossim, de Salvador Dias Pires, casado, com Ana Ribeiro da Silva, filha de Joaquim Ribeiro da Silva e de Leonor Peres, naturais de "São José da Curitiba", conforme batismo da neta Laureana, aos 20.11.1804.

Aos 9.12.1803, faleceu Silvestre, de 10 anos, escravo de Manoel Machado Lima, "cujo escravo falecera da vida presente sem sacramentos porque andava obstruído e não dava sinais de morte, assim me informou seu senhor".

Aos 28.6.1808, encontramos o obituário de Miguel Rodrigues Nunes, casado com Maria Luíza, de cerca de 80 anos, "natural de uma das aldeias do Rio de Janeiro".

Um Pedro Martins Lemes faleceu aos 7.7.1809, com cerca de 70 anos, casado com Ana Rodrigues e morador no Rio do Parati. Seria parente de Matheus Martins Leme, o povoador de Curitiba?

Aos 24.8.1809, "no adro desta Matriz", foi sepultado Antônio da Veiga Cou-

tinho, de cerca de 80 anos, viúvo de Joana Francisca de Siqueira, que "veio de Guaratuba morar com seu filho Manoel Domingues de Jesus, morador no Gilbratar".

E o afogamento continuava a fazer suas vítimas. Aos 21.10.1825, faleceu Manoel da Silva, "afogado no mar, marinheiro de Ana, embarcado de Paranaguá, ancorado neste porto". Seu corpo foi sepultado no cemitério.

Aos 3.10.1825, falecia o Alferes Domingos Batista de Sousa, ou de Faria, sem sacramentos "por ser de repente", natural de Braga, com cerca de 47 anos, casado com Higina Teresa, moradora na Cidade do Rio de Janeiro.

Praticou-se também o enterramento secundário, à moda indígena e tal como os antigos bandeirantes paulistas, que iam em ossos para a terra natal. Assim é que, aos 10.2.1825, lavrou-se o obituário de João da Costa Cidral, "que tinha falecido de ano e meio pouco mais ou menos de câmaras, casado que era com Ana Antônia da Cunha em idade de 35 anos".

Ainda aos 14.3.1826 se sepultava "dentro da Matriz", a despeito da existência de cemitério, consoante se vê no exemplo de Ana, falecida em tal data, de maligna, com 16 anos, filha legítima de Antônio Dias Bello (v. supra) e de Maria das Neves de Jesus. Nesse mesmo ano, houve um grande surto de tosse comprida, que matou inúmeras crianças.

Aos 20.4.1826, fez-se o obituário de José Correia da Silva, "que faleceu há mais de dois anos e três meses e se achava enterrado nos monturos da Ilha da Vaca, casado que era com Maria Cardoso.

Domingos, filho legítimo de Antônio da Veiga e de Maria Correia da Silva, aos 11.10.1826, "faleceu afogado no Rio do Ubatuba", com cerca de sete anos.

A causa da morte revelava a rudeza daquela gente. Assim é que, aos ..... 7.10.1826, falecia Antônio, com seis anos, filho legítimo de Salvador da Veiga e de Joaquina Maria, "de ar de estupor". Já aos 18 de agosto de 1828, morria Salvador de cinco anos, filho natural de Lu-

cina Dias do Rosário, solteira, "queimado com água quente por desastre". Antônio Correia da Silva, solteiro, tem obituário de 18.8.1826, quando morreu "de um encalhe interno".

Aos 10.8.1827, "foi sepultado os ossos (sic) de Manoel da Costa, viúvo de Josefa Moreira, que havia falecido há quatro anos e quatro meses, de câmaras e sem sacramentos, e se achavam enterados nos monturos do Rio do Morro do distrito do Rio Parati".

Manoel Vicente Cardoso, "morador nas Tijucas Grandes, freguesia de São Miguel", com cerca de 60 anos, casado com Bernarda Hilária, sem sacramentos, faleceu aos 6.1.1828, de hidropisia, sendo seu corpo sepultado no cemitério da Matriz de N. S. da Graça, conforme obituário assinado pelo Vigário Marcelino José da Silveira.

Aos 20.12.1827, faleceu Manoel, de dois anos, filho natural de Ana Maria da Conceição, "picado de uma cobra", sendo sepultado dentro da Matriz.

Os corpos eram acompanhado pelas cruces das Irmandades do Santíssimo Sacramento, de N. S. da Graça e de N. S. do Rosário, segundo a projeção social do finado. Assim é que D. Maria Paes Domingues, viúva do Capitão-Mor Antônio Eugênio de Miranda Tavares, sepultada dentro da Matriz, aos 9.7.1827, foi acompanhada tão-só "das Santas Irmandades do Santíssimo e N. S. do Rosário". Tinha cerca de 66 anos. Já D. Maria Antônia de Miranda, casada com o Capitão Manoel Pereira da Costa, faleceu aos .... 18.6.1827, com cerca de 60 anos, sendo acompanhada pelas três irmandades. Assim também o obituário do Tenente-Coronel João Cipriano de Almeida, de cerca de 45 anos, natural de Belém da Cidade de Lisboa, falecido aos quatro de julho de 1827, casado que era com D. Joaquina Anania de Almeida, de cujo matrimônio deixou dois filhos. Além da missa de corpo presente as três irmandades acompanharam seu corpo.



# Aconteceu...

Janeiro de 1992

— DIA 1º. — Segundo noticia a imprensa local (JSC), o Colégio Eleitoral de Blumenau, cresceu, a partir das últimas eleições em 1990, em quatro mil eleitores, atingindo, assim, neste ano, o número de 135 mil cidadãos que poderão fazer uso do voto nas próximas eleições.

— DIA 3 — A agradável notícia trazida pela imprensa neste dia, foi o do nascimento, em Blumenau, da primeira criança que abriu as portas do ano novo na cidade. Trata-se de Jéssica, nascida de parto normal, pesando quatro quilos e que veio ao mundo blumenauense exatamente às 1,05 horas do raiar do dia 1º., na maternidade do Hospital Santa Isabel.

— DIA 7 — Um incêndio ocorrido às 00,00 horas desta madrugada, destruiu completamente uma residência de madeira, com 90 m2. de área construída, localizada na rua Venezuela, bairro Ponta Aguda e de propriedade de Adeluir Adriano, As perdas foram totais e, felizmente, não houve vítimas.

— DIA 8 — Dois homens armados, assaltaram o estabelecimento comercial — Souvenirs Blumenau — de propriedade de Armin Beims. Os assaltantes, ante a ligeira resistência do proprietário, atiraram no mesmo, atingindo-o mortalmente. Armin, socorrido por populares e seus auxiliares, foi conduzido ao pronto socorro, mas, não resistindo à gravidade do ferimento, faleceu antes que pudesse ser medicado. O acontecimento traumatizou a opinião pública, gerando revolta na comunidade.

— DIA 9 — A imprensa (JSC) fornece a notícia da sanção da Lei Complementar nº. 23, assinada pelo prefeito Victor Fernando Sasse, criando a Fundação Municipal do Meio Ambiente, instituição pública que terá caráter de administração indireta, com autonomia, para poder, assim, atuar com mais liberdade em busca dos objetivos para os quais foi criada.

— DIA 10 — Foi realizada a solenidade de abertura da IX Festa Pomerana, acontecimento que mobiliza a população em geral, e promovido pela Prefeitura de Pomerode.

— DIA 12 — Segundo informações fornecidas pela imprensa (JSC), o município de Indaial foi, na região do Vale do Itajaí, o de maior crescimento populacional, no período de 1980 a 1991. De acordo com as informações, o crescimento daquele município foi de 39,79% seguido do município de Gaspar com 39,61% e, em terceiro lugar, Blumenau com 34,61%. Timbó está em quarto lugar com o crescimento de 32,97%.

— DIA 12 — As obras do antigo Hotel Oliveira, que se achava praticamente em ruínas, foram concluídas, tendo sua restauração causado agradável impressão na comunidade em geral. A partir de agora, o visual naquela área histórica de Blumenau, que mostra a autenticidade que foi o antigo Hotel Riele, causa a melhor impressão. Cumprimentos ao proprietário Sr. Scheidemantel.

— DIA 22 — Uma casa de propriedade de Norival Bremmer, na qual morava uma funcionária do Supermercado Comper, foi totalmente destruída por um incêndio, nada podendo ser salvo. Felizmente, a família salvou-se, ou seja, a mãe com duas filhas, uma de 4 meses e a outra de 2 anos. A residência sinistrada localizava-se na rua Johan Ohf, bairro da Velha.

— DIA 24 — As abundantes chuvas que caíram nesta tarde em Blumenau, causaram grandes transtornos à população, especialmente no bairro Fortaleza e na Vila Nova. Casas foram destelhadas e ruas totalmente alagadas pela incapacidade de dar imediato escoamento dado o volume da precipitação. Também o centro da cidade foi bastante atingido, alagando várias ruas. Tudo se normalizou horas mais tarde.

— DIA 27 — Foi aberta a mais ampla e variada Coletiva de Verão promovida pela Açu-Açu. Nada menos do que 90 expositores com um total de 120 obras, constituem a mostra, participando artistas plásticos de Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Pernambuco e Ceará. Opções nunca tidas iguais para os que quisessem ornamentar a parede de sua casa com as mais expressivas obras de arte.

---

## INFORMÁTICA NA FUNDAÇÃO

A partir deste mês, a Fundação "Casa Dr. Blumenau" integrou-se ao sistema de operações com informática. Um moderno computador acaba de ser instalado, para agilizar os trabalhos no Arquivo Histórico

e na Biblioteca. Assim, estão sendo procedidos aos trabalhos de processamento de todo o acervo das duas seções citadas, para melhor atender ao público usuário.

---

## REGRESSO DO PRESIDENTE GRAF

O Presidente da Fundação, Sr. Frank Graf, que em princípios deste mês viajou com destino à Europa, especialmente Alemanha e Suíça, acaba de regressar. Trouxe uma série de novidades com reais benefícios para a Fundação, no que tangue a relacionamentos culturais entre Blumenau e aqueles dois citados países. Des-

taque-se, também, a tournée que a Orquestra de Câmara de Blumenau realizará novamente à Europa. Frank Graf, já reasumiu também a Secretaria de Turismo, que, agora, passa a preparar os planos para a realização dos próximos eventos na PROEB, inclusive a Oktoberfest-92.

---

## VOCÊ ACHA QUE DEVEMOS MUDAR?

Há mais de 34 anos "Blumenau em Cadernos" é editada dentro de um mesmo padrão estabelecido pelo seu fundador, no que concerne aos assuntos enfocados: resguardar a nossa memória histórica. Gostaríamos, no entanto, de consultar nossos leitores se têm alguma sugges-

tão para procedermos alterações na apresentação da revista e até na sua diagramação. Estamos abertos, com prazer, para recebermos tantas quantas sugestões queiram apresentar. E de antemão agradecemos por sua manifestação. — O editor.

# FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal nr. 1835, de 7 de abril de 1972.  
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nr. 2.028, de 4/9/74.  
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nr. 6.643, de 3/10/85.  
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural do Ministério da Cultura, sob o nr. 42.002219/87-50, instituído pela Lei 7.505, de 2/7/86.

89015 B L U M E N A U

Santa Catarina

## INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

### SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO:

- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

### A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", MANTÉM:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"  
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"  
Museu da Família Colonial  
Horto Florestal "Edith Gaertner"  
Edita a revista "Blumenau em Cadernos"  
Tipografia e Encadernação

CONSELHO DELIBERATIVO: Presidente — Aiga Barreto Mueller Hering

Vice-Presidente — Friederich Ideker

CONSELHEIROS — Dinorah Krieger Gonçalves — Noemi Kellermann —  
Frederico Kilian — Lindolf Bell — Manfredo Bubeck  
— Hans Prayon — Lorival Harri Hübner Saad — Frank  
Graf — Hans Martin Meyer

### DIRETORIA

Presidente — Frank Graf

Diretor Administrativo-Financeiro — José Gonçalves

Diretor de Cultura — Ana Luiza Holzer B. Schulz

MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ VESTIA A MACIEZ DAS CAMISETAS E ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS" E A HERING TÊM MUITO EM COMUM, ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS VALORES DA NOSSA GENTE.



**Cia. Hering**  
BLUMENAU - SANTA CATARINA